



BARRICADA

ÓRGÃO INTERNACIONAL DA FRENTE SANDINISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS DO

internacional

Ano I
nº 6/7

Edição extraordinária de 32
páginas correspondente aos
meses de abril/maio.
10 de junho de 1988.

1988: Por uma paz digna — Pátria Livre ou morrer

RENDAM-SE

Esse foi o clamor que os “contras” escutaram em Manágua



Mais de 100 mil pessoas acorreram em 18 de abril à praça da Revolução, para escutar o informe do presidente Daniel Ortega sobre a marcha das negociações para concluir o cessar-fogo. Enquanto elas expressavam seu apoio às gestões oficiais, a delegação de cúpula “contra” abandonava discretamente o país.

SUMÁRIO

Editorial: Pág. 2
Economia: Págs. 6/8
Entrevista Cmte. Henry Ruíz: Pág. 10
Mulher: Págs. 14/15
Operação “Bertha”: Págs. 16/19
Vice-Presidente Sergio Ramírez: Págs. 20/21
Operação “Danto” 88: Págs. 22/23
África: Págs. 26/27
Lançamentos Barricada: Pág. 28
Solidariedade: Pág. 30

EDITORIAL

Sem outra alternativa

Por Sérgio Ramírez

O coronel somozista Enrique Bermúdez não está interessado num cessar-fogo definitivo. O problema é que, uma coisa é o que se quer fazer, e outra, o que se pode fazer. Essa diferença é muito importante. Não se deve esquecer que o projeto de Reagan era derrotar militarmente a Revolução e não conseguiu fazê-lo, a menos que planeje uma intervenção militar de último momento. No entanto, as condições vão-se esgotando contra essa possibilidade.

Bermúdez pode querer a guerra e ver isto como a última alternativa para sobreviver. O fato está em ver se isto pode ser realizado nas atuais condições.

Esta é uma guerra com características muito acentuadas. Nesse momento, a responsabilidade de reiniciar ações militares pode significar a responsabilidade da derrota definitiva, porque esta não é uma guerra em que estamos lutando somente no plano militar, senão no político. Esta é uma guerra com os Estados Unidos. Veremos quem apóia nos Estados Unidos a opção beligerante, com uma direção politicamente dividida dos "contras" e num momento em que nós temos manifestado unilateralmente uma extensão do cessar-fogo.

Em minha recente viagem aos Estados Unidos encontrei uma preocupação na liderança democrata sobre se a Nicarágua estava dificultando ou não a assistência humanitária aos "contras" que eles mesmos aprovaram. Expliquei que se a contra-revolução não aceita o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, estamos dispostos a aceitar que a Fundação Panamericana para o Desenvolvimento, da OEA, entregue os alimentos em locais que ela mesma determine. Tampouco nos opomos a que utilizem companhias privadas americanas.

Evidentemente, isso leva a esclarecer se o Congresso dos Estados Unidos estaria disposto a votar uma nova ajuda militar para os "contras". Parece-me que a preocupação maior, desde a perspectiva democrata, está em acabar com essa possibilidade se a ajuda humanitária chegar aos "contras".

Entretanto, deve-se seguir adiante com o processo de negociações que iniciamos. Não vejo outra alternativa. Só a guerra. Não podemos idealizar outro tipo de negociação, nem dar por encerrado o acordo de Sapoá e abrir uma negociação distinta, esquecendo-nos daquela que já determinamos.

A cúpula contra-revolucionária tem que aceitar que a única via é a da negociação. É uma negociação difícil e não se tem notícia de um fim de guerra negociado que não o tenha sido.

Uma negociação como esta, sem dúvida, não pode implicar numa conciliação política. Nós falamos de reconciliação nacional. Isto sim, é possível.

Estamos falando de pessoas que, com atitudes terroristas e apoiadas por uma potência estrangeira, almejam destruir um processo revolucionário que, para nós, está unido à nação, à sobrevivência do país como entidade independente.

Essas pessoas, apesar disto, têm agora a oportunidade — não de um exílio perpétuo, da prisão ou da repressão — mas de incorporar-se à vida política nacional e competir dentro dela em termos eleitorais e com as garantias que lhes dá a Constituição Política.

Esse é um fenômeno único e tem-se que saber valorizá-lo. Esta negociação não implica em que vamos retroceder com as conquistas nem com os princípios da Revolução para fazer concessões entre Revolução e contra-revolução, porque isto não é possível.

Além disso, a correlação militar e política não dá aos "contras" poder suficiente para impor essa conciliação. Essa correlação, desfavorável para a contra-revolução, é precisamente o que abriu a possibilidade de negociar, de modo que nós jamais cederíamos pela via da negociação em assuntos de princípios, das conquistas, dos avanços da Revolução que não foram resolvidos no campo de batalha. Os "contras" perderam a guerra. Essa é a regra com a qual estamos negociando.

Então, o que nos levou a negociar? Numa guerra de mil metros, corremos 800 e queremos percorrer os 200 restantes caminhando, sem correr. Essa corrida, além disso, foi sangrenta. Que nós estejamos numa posição favorável não quer dizer que a guerra não teve um custo imenso para o país.

Queremos poupar mais sacrifícios, primeiramente em vidas humanas e nos parece que a via da negociação faz isto. Quantos jovens deixaram de morrer durante os primeiros 60 dias do cessar-fogo temporário? Se podemos prolongar esta situação de maneira que o conflito resolva-se sem mais derramamento de sangue, o que importa é que essa é nossa primeira opção.

Este número de BARRICADA INTERNACIONAL em Português demorou a chegar às suas mãos. Isto deveu-se, fundamentalmente, ao fato de enfrentarmos uma série de dificuldades, derivadas dos violentos aumentos dos custos de impressão.

Por isso, pedimos sua colaboração na superação destes obstáculos, seu apoio na divulgação do jornal, assim como sua assinatura do mesmo, o que é vital para nós.

*Contamos com você.
Barricada tem que sobreviver*

"Considero o mais elevado dever de todo bom cidadão nicaraguense procurar pela paz da Nicarágua, mas a paz que dignifica e não a do escravo."

Augusto C. Sandino

EXPEDIENTE

Barricada Internacional em Português

Órgão Oficial da F.S.L.N.
Publicação brasileira de
Panorama
Noticioso Ltda.

Promoção e Divulgação:
Moisés Baptista Leal

Diretor Responsável:
Leopoldo Saraiva

Diagramação:
Ronaldo Rocha

Redator Chefe:
Ulises López R.

Fotocomposição/ Montagem/ Revisão:

JM Arte-Compo Ltda.
Tel.: 262-6242

Colaboradores:
Paulo Schiling, Wellington
Ribeiro e Renata Raggi

Fotolito/Impressão:
Gráfica do Sindicato dos
Bancários (SP)

Tradução:
Antônio Carlos Verani, Marcelo
Henrique de Barros, J. Thomáz
Filho e Carlos Frederico
Enríquez.

Correspondência:
Av. Franklin Roosevelt, 39/418
Tel.: 262-6299 — Rio de Janeiro
(RJ) — Brasil — CEP. 20.021

As tropas questionam a condução da guerra

PEDEM A CABEÇA DO CHEFE

A rebelião iniciada este mês contra Enrique Bermúdez, o chefe militar dos "contras", aparenta não resolver-se e ameaça com a desintegração do exército irregular, criado há sete anos pelos Estados Unidos, para destruir a Revolução Sandinista.

Washington sabe disso, mas não parece disposto a prescindir agora de seu homem forte, nem dos "contras" como instrumentos de sua política contra a Nicarágua. Ele representa a estabilidade, a continuidade das forças contra-revolucionárias. "Quem é o chefe, que pode exercer um poder firme sobre essa gente? Esse é Enrique Bermúdez", comentou ao Miami Herald, uma "fonte confiável" da administração Reagan.

A decisão de manter Bermúdez em seu cargo está custando muito caro, de qualquer maneira. A capacidade de manobra de Washington fica limitada para conter o crescente descontentamento contra seu homem forte, que provocou a sublevação das tropas e divisões dentro do diretório político da chamada Resistência Nicaraguense.

Os funcionários da administração Reagan, alarmados pelo impulso que adquiriu a rebelião, advertem com apreensão que os dias dos "contras" estão contados e re-

criminam-se uns aos outros pelo desmoronamento de sua estratégia contra a Nicarágua.

Como começou a revolta

Os chefes militares insubordinados contra Bermúdez acusam-no de "haver negociado com o sangue dos combatentes", ao utilizar para benefício pessoal os fundos distribuídos pelo Congresso dos Estados Unidos.

Também criticam sua linha de autoridade autocrática, imposta por controle remoto, porque nestes sete anos de guerra "jamais penetrou se-

quer nas montanhas nicaraguenses". É praticamente um comandante de papel e suas batalhas se dão a partir dos escritórios de Tegucigalpa e Miami.

Bermúdez não dá lugar às críticas e somente escuta a seus incondicionalistas. Os demais devem limitar-se a obedecer. Até agora o sistema havia funcionado porque a guerra impõe seu próprio passo e não dá lugar a muitos questionamentos: as ordens não se discutem no campo de batalha.

Entretanto, a situação mudou. Em 1º de abril as tropas dos "contras" entraram num recesso de 60 dias e prontamente encontraram-se com as mãos livres e preocupadas com seu futuro. O diretório civil havia iniciado negociações com os sandinistas para planejar o cessar-fogo definitivo. A 23 de março assinou-se em Sapoá o primeiro acordo de base para determinar o fim da guerra.

Tudo parecia ir muito bem, quando Bermúdez começou a boicotar as conversações, insistindo em manter de pé a via armada para obter maiores

concessões dos sandinistas. Destituíu seus dois primeiros representantes nas negociações e, como insistiam em criticar sua linha, deportou-os para Miami.

Calderón e Hernández representariam um setor jovem da oficialidade, convencidos de que não poderiam chegar a um acordo justo com os sandinistas se Bermúdez continuasse à frente das tropas.

Os dois primeiros delegados dos "contras" nas negociações com o Governo, escolhidos em setembro pelo mesmo Bermúdez, foram desenvolvendo durante as conversações uma nova consciência política.

"Nossos olhos se abriram para muitas coisas, que nem sequer imaginávamos, e a primeira delas foi tornar claro que com Bermúdez no comando nunca chegaríamos a uma vitória na Nicarágua", disse Calderón em uma entrevista concedida em Miami. Toño, que fora sargento da Guarda Nacional, lamentou que o exército contrarevolucionário não tivesse podido deixar para trás a imagem negativa que lhe dá a liderança

do ex-coronel somozista.

A deportação de Toño e Fernando foi o fator que fez detonar a rebelião. Trinta e sete comandantes-de-campo solidarizaram-se com eles, exigindo a destituição de Bermúdez. Reuniram cerca de 2.000 homens e entrincheiraram-se em Yamales, a 30 quilômetros da fronteira com a Nicarágua, até verem cumprida sua aspiração.

Diógenes Hernández (Fernando) e Walter Calderón (Toño) estão agora em Miami, mas outros chefes intermediários assumiram o comando das tropas amotinadas e não parecem dispostos a ceder.

Bermúdez conta com o respaldo de Washington e das autoridades hondurenhas, mas dificilmente poderá reverter a deterioração de seu exército agora que está aberta a possibilidade de se alcançar uma solução negociada.

A guerra provou ser o único fator de coesão entre os "contras". A Casa Branca terá que inventar outro instrumento de luta se continuar empenhada em destruir a Revolução Sandinista.

"LET'S GO MARTA..."

Se houve uma batalha que a delegação da contra perdeu durante os dias que esteve em Manágua, foi com os jornalistas. Sobretudo com os nacionais.

O incidente que ganhou os louros ocorreu 24 horas após sua chegada à capital. Alguns integrantes do grupo chegaram ao hotel onde se encontrava toda a imprensa, apenas a um quilômetro da sede das conversações. Deram declarações, apesar de haver-lhes sido negada a permissão, pois as autoridades consideravam que os contrarrevolucionários tratavam de montar um show propagandista aproveitando a impaciência da imprensa norteamericana: estavam próximos os encerramentos de edição e durante quase todo o dia não se haviam produzido notícias.

Um grupo de integrantes da chamada Aliança de Mulheres Democráticas, com sede em Miami, queria denunciar que se sentiam "como reféns" em seu hotel porque não o deixavam sair para cumprimentar seus familiares e, o mais importante de tudo, segundo disseram, tampouco lhes foi autorizado assistir à missa do dia seguinte na igreja do cardeal Miguel Obando.

Os jornalistas nacionais perguntaram umas três vezes qual era o objeti-



"O senhor se cala!" Marta Sacasa ao centro e à direita Leda de Parrales, esposa de ex-funcionário somozista.

vo da visita da delegação: Ver os familiares, ir à missa ou acordar um cessar-fogo definitivo?

As coisas começavam a esquentar diante das respostas evasivas de Marta Sacasa, porta-voz da contra em Miami. Arrogante, com ares de grande senhora, começou a levantar a voz: "O senhor se cale!" ordenava de vez em quando a algum jornalista. Tudo se complicou quando um nicaraguense lhe disse que, se queria sair do

hotel, se acolhesse à anistia. "A anistia — disse com expressão de exasperação — é um perdão a uma falta que não cometemos. Entendam, senhores, que nós não cometemos nenhuma falta." Aquilo foi demasiado, e maiúscula a confusão que se armou.

Os acompanhantes das mulheres começaram a puxá-la pelo braço, tocar-lhe o ombro e a sussurrar entre dentes: "Please, Marta, let's go... the last question, Marta, please!" Até este

momento ninguém havia percebido que os integrantes da delegação dos "contras" conversavam entre eles em inglês...

Marta Sacasa sacudia os ombros furiosa, os lábios trêmulos diante da ousadia das perguntas. Por último a situação a sobrepoujou e bruscamente deu as costas aos jornalistas, mas a esposa do ex-vice-chanceler de Somoza tomou o microfone e aí terminaram quaisquer tentativas da delegação de serem elegantes.

Aos gritos pelejou com o correspondente do La Voz de Nicaragua, defendeu seus ideais políticos: "Eu sou liberal, sempre fui liberal" (o partido liberal era o de Somoza) e acusou de somozista seu interlocutor. Aquilo já era um circo, com o perdão dos circos, é claro.

Um correspondente suíço tentava se fazer ouvir em meio à confusão: "Eu sou estrangeiro (para que não o acusassem de sandinista e de estar fazendo perguntas tendenciosas) e tampouco entendo por que é mais importante a missa do que lograr o cessar-fogo."

Alguém da delegação conseguiu perguntar ao homem de onde ele provinha. "Tinha que ser da Suíça — comentou Sacasa — ali tampouco nos querem."

OS TEMORES DE ENRIQUE BERMÚDEZ

Se a guerra acabar, terminam seus negócios

O ex-coronel Enrique Bermúdez, chefe militar da Força Democrática Nicaraguense (FDN), apareceu nestes dias exatamente como é: um autêntico profissional da guerra, mais interessado em seus negócios pessoais do que nas questões políticas, nas negociações e nos acordos de paz.

O ex-integrante da Guarda Nacional — que se distingue como o impulsor da corrente beligerante ou “efedenista” dentro da chamada Resistência Nicaraguense — opõe-se terminantemente às negociações com o Governo Sandinista que derivem numa quota menor de poder militar para as fileiras da contra-revolução.

Isto é compreensível se estudamos o passado e a trajetória do caudilho militar, nascido em León, em 1932. Bermúdez soube combinar a carreira das armas com o mundo das finanças e constituir uma considerável fortuna pessoal. Sua ligação com a guerra e os negócios viu-se abruptamente inter-



Enrique Bermúdez: em defesa de seus interesses

rompida em 19 de julho de 1979, como resultado do triunfo Sandinista na Nicarágua, mas logo encontrou outro “filão de ouro” para acrescentar às suas contas secretas no exterior: a ajuda “humanitária” que o governo dos Estados Unidos concedeu aos “contras”.

Em 1980 fundou em Honduras a Legião 15 de Setem-

bro, convertida mais tarde em Aliança Democrática Revolucionária Nicaraguense (ADREN), com endereço postal em Coconut Grove, Miami, Flórida.

Em 1982, integrou-se ao estado-maior da FDN e lentamente começou a assumir o controle militar da organização. Em 1983, sufocou uma rebelião interna motivada por rixas pessoais, lutas por lideranças e questões de dinheiro, que deixou um saldo de vários

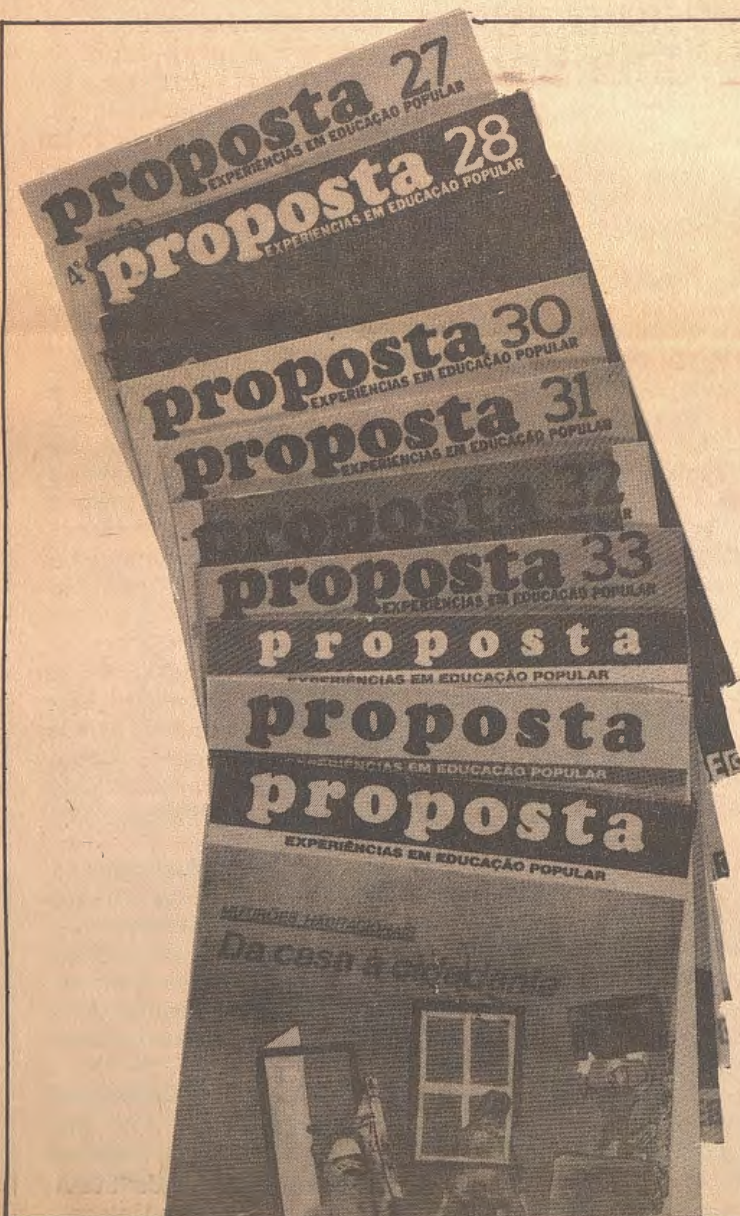
chefes intermediários assassinados ou convertidos em desertores.

Em Tegucigalpa coordenava suas atividades com John Malleth, aliás Alex, oficial da Agência Central de Inteligência (CIA), creditado como segundo-secretário da embaixada dos Estados Unidos e que servia de ligação entre o exército hondurenho e a FDN.

Bermúdez começou a desviar fundos para bancos de Miami depois que o Congres-

so norte-americano aprovou a entrega de US\$ 27 milhões em ajuda "humanitária" para os "contras", em 12 de junho de 1985. Por isso, sua negativa em endossar negociações que derivem em um acordo de paz na Nicarágua obedece a um raciocínio simples: se a guerra acabar, terminam os negócios.

Por Roberto Bardini
Agência Nova Nicarágua



FASE

UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO POPULAR

A FASE é uma entidade privada, sem fins lucrativos, a serviço das classes trabalhadoras no campo, nas periferias das cidades e nos seus locais de trabalho. Contribui para a sua organização e para encontrar soluções às suas necessidades básicas.

Para a educação e informação, a **FASE** publica trimestralmente a revista **Proposta**, que relata e analisa experiências significativas no campo da educação popular.

ASSINE A proposta

EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO POPULAR

Assinatura (4 números)

Cz\$ 800,00

Número avulso

Cz\$ 250.00

Assinatura p/ exterior

US\$ 30,00

[illegible]

**FASE – Federação de Órgãos
para Assistência Social e Educacional**
Rua Bento Lisboa, 58 – Tel.: (021) 285-2998
22221 – Rio de Janeiro – RJ

EM VIGOR O CESSAR FOGO COM INDÍGENAS ARMADOS

Pendentes de discussão temas sobre a autonomia

No Hotel Intercontinental em Manágua, três aposentados estão com as portas abertas e, desde o corredor escuta-se sete homens discutirem em voz alta. Acabam de chegar da Costa Atlântica. São integrantes de Yátama, força indígena levantada em armas; continuam identificando-se com ela, mas já não estão na luta armada contra o governo.

São chefes militares no comando de aproximadamente 200 homens e se desarmaram em 2 de maio, em Leymus, a 135 quilômetros de Puerto Cabezas. Um deles, Francisco González, membro do estado-maior de Yátama, explica: "Queremos paz e o respeito de nossos direitos indígenas, por isso lutamos e não para alcançar o poder como os somozistas da contra-revolução."

Uma semana mais tarde, entre 8 e 13 de maio, o governo, representado pelo ministro do Interior, Tomás Borge, entabulou uma nova rodada de discussões sobre um cessar-fogo definitivo com Yátama. Chegaram desde a Costa Rica os representantes Brooklin Rivera e Steadman Fagoth. Ao final da rodada concordou-se em manter a trégua, mas não avançaram as discussões a fundo sobre a autonomia da região da Costa Atlântica.

Contar a recente história de aproximadamente 200 mil indígenas e crioulos que habitam a Costa Atlântica é muito complexo. As etnias (miskitos, sumos, ramas, crioulos e garifunas) viveram durante a era somozista num total isolamento

em relação ao resto do país. Cresceram as diferenças culturais entre os habitantes do leste e oeste. A madeira dos bosques, o ouro das minas e as lagostas no Atlântico foram levados por empresas transnacionais sem deixar nenhum benefício na Nicarágua.

Por causa do triunfo da revolução sandinista em 1979, criou-se na Costa Atlântica, a organização indígena Misturasata, que representava no nascente parlamento os três grupos indígenas: miskitos, sumos e ramas. Entre seus dirigentes se contavam Steadman Fagoth e Brooklin Rivera.

Em 1981, o governo evacuou os miskitos que habitavam a margem do rio Coco e os assentou território adentro. Hoje, esta ação é reconhecida como um erro histórico pelo mesmo governo nicaraguense. Não se havia compreendido então a complexidade das relações entre os indígenas e os sandinistas. Por causa desse incidente, refugiaram-se mais de 30 mil miskitos na vizinha Honduras.

Nestes sete anos, ademais, os indígenas se reagruparam em várias organizações armadas contra o governo. Yátama é a última delas, fundada em outubro de 1987 como uma organização sem vínculos com os "contras".

Um grupo de miskitos, no entanto, continua integrado à contra-revolução. Dois dirigentes, Wycliff Diego e Osorno Coleman, vieram com a cúpula mercenária a Manágua, às negociações com o governo, e isto lhes valeu a expulsão do movimento indígena.

Dois anos

O processo de paz na Costa Atlântica começou realmente em maio de 1985 com os indí-



Os desplazados denunciam maus-tratos da parte do exército de Honduras

genas da comunidade de Yulu. Dos 3 mil levantados, mais de 1 mil regressaram embora sem entregar suas armas, e outros 1 mil 500 retornaram à vida civil.

Esta é a terceira vez que Brooklin Rivera está negociando com o governo. Segundo ele, está lutando para conquistar os direitos históricos dos índios: a posse coletiva da terra, o estabelecimento de um governo autônomo, a preservação e livre comercialização de seus

recursos naturais.

Num esforço do governo para atender e respeitar essas reivindicações históricas dos indígenas, foi decretada a autonomia da Costa Atlântica no começo do ano, depois de ser discutida em todas as comunidades da zona.

Nas negociações com Yátama estava-se discutindo aspectos dessa lei. Nesta rodada, no entanto, Yátama expôs novas exigências que não poderiam ser aceitas pelo governo, assegura o delegado da Frente Sandinista em Puerto Cabezas, José González.

Entre elas:

- o desarmamento das comunidades indígenas;
- confiar a defesa territorial às milícias autônomas;
- concentrar o exército nicaraguense nas cidades de Puerto Cabezas, Rosita e Waspan;

— anular o estatuto de autonomia promulgado pelo governo da Nicarágua e substituí-lo por um proposto pela Yátama.

Segundo González, aceitar essas condições significaria ignorar a decisão da assembléia multiétnica, onde nasceu a lei da autonomia, e a Assembléia Nacional que a aprovou.

Tanto o governo como a Yátama, no entanto, concordaram em manter a trégua na Costa Atlântica. Para assinar um cessar-fogo definitivo, Rivera pediu para viajar primeiro durante 15 dias pela região para falar com as forças que abandonaram a luta, mas o governo não permitiu.

Uriel Vanegas, que dirige um grupo dos desmobilizados em 1987, veio para participar da reunião de Rivera e do governo. Ao finalizar disse que "Brooklin Rivera não deve temer a assinatura de um cessar-fogo definitivo, porque ele conta com apoio de um setor importante da Costa Atlântica".

Repatriação

Prosseguirá a discussão do cessar-fogo definitivo. Mas enquanto isso, os miskitos na margem hondurenha do rio Coco passam fome e sofrem maus-tratos do exército de Honduras. Máximo Pántin, um dos chefes dos desmobilizados em 2 de maio, está em luta desde 1981. "Decidimos regressar às nossas terras porque o quinto batalhão da guarda hondurenha está nos perseguindo e a nossos familiares que vivem nos campos de refugiados", diz enquanto mostra uma lista de pessoas que foram maltratadas. Ademais, conta que três de seus homens foram assassinados nas margens do rio. "Ninguém mexe com os índios — adverte Pántin — e o exército hondurenho está nos agredindo."

Também informa que muitos dos familiares querem regressar à Nicarágua. No entanto, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) não fornece o transporte necessário para levar as pessoas à Nicarágua. A ACNUR respondeu afirmativamente a uma solicitação apresentada pelo governo da Nicarágua, pedindo apoio em consideração de milhares de repatriados e desmobilizados indígenas que requerem alimentos, teto e roupa na Costa Atlântica. Um informe extra-oficial da ACNUR sublinha que até o momento, em 1988, voltaram à Nicarágua sob seus auspícios 3.703 pessoas.

Ainda ficam grupos armados da Yátama em Honduras. Homens que decidiram ficar com Wycliff Diego. É difícil saber quantos homens são. Segundo Pántin, estão vestindo uniforme até nas crianças, para apresentá-las como combatentes e receber a ajuda "humanitária" dos Estados Unidos.



Máximo Pántin e Francisco González, regressaram à Nicarágua junto a 200 homens à procura da paz.

EM BUSCA DE UM ESTADO MAIS EFICIENTE

O ABC da "compactação"

No Ministério das Finanças (MIFIN), um grupo de trabalhadores decidiu recentemente transferir-se para o campo e fundar uma cooperativa agrícola. Trata-se de uma parte das aproximadamente 300 pessoas que deixarão essa entidade para ir a novos centros de trabalho, a raiz do processo de reordenamento laboral que se desenvolve no estado nicaraguense. A medida intenta lograr mais eficiência.

Porém, enquanto o MIFIN ficou quase intacto, três ministérios da área econômica — indústria, comércio exterior e interior — incorporaram-se em um, sob a direção do comandante da revolução Luis Carrión. Neste novo organismo, a ênfase se estende na redução de cargos e estruturas duplicadas, além de obter uma coordenação integral e pluralista com empresas e produtores. Muitos asseguram que o reordenamento inclui novos mecanismos de influência e decisão.

E enquanto se configura o novo estado, supostamente mais compacto e eficiente, no campo muitas cooperativas e empresas almejam ser fortuitas receptoras de um apoio sustentado em mão-de-obra e direção qualificada. Calcula-se a transferência de uns 400 técnicos para as zonas rurais.

Contudo, o indevidamente chamado "processo de compactação" não implica demissões em massa, como recomenda o FMI... nem uma transferência populacional para o campo, no estilo de Pol Pot. Trata-se, sim, de um passo a mais, flexível e gradual, como parte dos ajustes iniciados em 15 de fevereiro passado.

A reforma monetária decretada nesse dia comprometeu o governo sandinista em minimizar o déficit fiscal, que historicamente tem sido negativo na Nicarágua.

Até que cesse a guerra dos "contras", pouco se pode fazer para reduzir o gasto militar, que absorve 62 por cento da receita nacional. A política social da revolução não permite afetar aos setores da saúde ou educacional, que representam um quarto da quantidade total. Os restantes 14 por cento, constituídos pela atividade estatal, converteram-se no setor competente para racionalizar recursos. Perguntou-se o seguinte: necessita-se de 22 ministérios e todo o seu pessoal para fomentar e apoiar o esforço produtivo do país?

A primeira sugestão

William Hüpper, ministro das Finanças, já havia adiantado poucos dias depois da reforma monetária, que se preparava uma política fiscal que afetaria "severamente o gasto público". A esse respeito, confessava que a eficiência e a produção, revalorizadas com as medidas econômicas, "eram critérios que se haviam perdido".

Em meados de março, já se anunciavam algumas fusões estatais, que incluíram a conversão de 10 ministérios em três.

Naquela ocasião, o presidente Ortega declarava que muitos quadros técnicos e de direção no estado passariam a "reforçar atividades produtivas na agricultura e na indústria".

Sem fomentar o desemprego

Entretanto, os funcionários governamentais esclareciam também que não se tratava de uma medida dirigida a promover o desemprego. Assinalavam dois aspectos que diferenciavam do atual remanejamento com respeito a muitos países capitalistas, onde aplicaram-se mecanismos similares associados a uma reforma monetária.

Por um lado, desde 19 de julho de 1979, a terra não deriva sua rentabilidade com base na propriedade e se pode utilizar para estimular a força de trabalho. Ademais, a política social da revolução consagra o direito dos nicaraguenses ao trabalho. Se o desemprego aumentasse, calculado atualmente entre 3 e 5 por cento, seria considerado como um problema que se tem que enfrentar, e não como um preço necessário para garantir o retorno de empréstimos externos.

"Toda redução de pessoal que as empresas ou instituições façam deverá ser aprovada pelo sindicato", sentenciou recentemente o ministro do Trabalho



O emprego concentra-se nos serviços e centros urbanos

Benedicto Meneses. Para aqueles que perderem seus postos, o governo lhes assegurará cotas sociais e um subsídio salarial, de 100 e 75 por cento no primeiro e terceiro meses respectivamente, para aqueles que devem deixar seus postos de trabalho. Isto foi decidido por uma comissão nacional constituída para decidir sobre o possível remanejamento de uns 10.000 trabalhadores.

Economia mista consolidada?

Em alguns ministérios da área econômica, as alterações organizativas pareceram apontar para a consolidação da economia mista, além de constituir um ajustamento surgido com a reforma monetária.

No caso do Ministério de Desenvolvimento Agropecuário (MIDINRA), "trata-se de um elemento político que se perfilou desde o início da revolução, se reforça com Esquipulas e o esforço de paz", apontou o chefe dessa entidade, Jaime Wheelock.

O dirigente referiu-se à necessidade atual de legitimar a gestão que têm realizado os produtores privados na economia nacional, e de abrir-lhes uma participação "para reconhecer seu direito a expor seus problemas e serem ouvidos". O objetivo traçado pelo MIDINRA, além da simplificação administrativa, resume-se em "exercer uma liderança institucional de todos os produtores, independentemente do regime de propriedade e opção política".

Como primeiro passo, criaram-se recentemente comis-

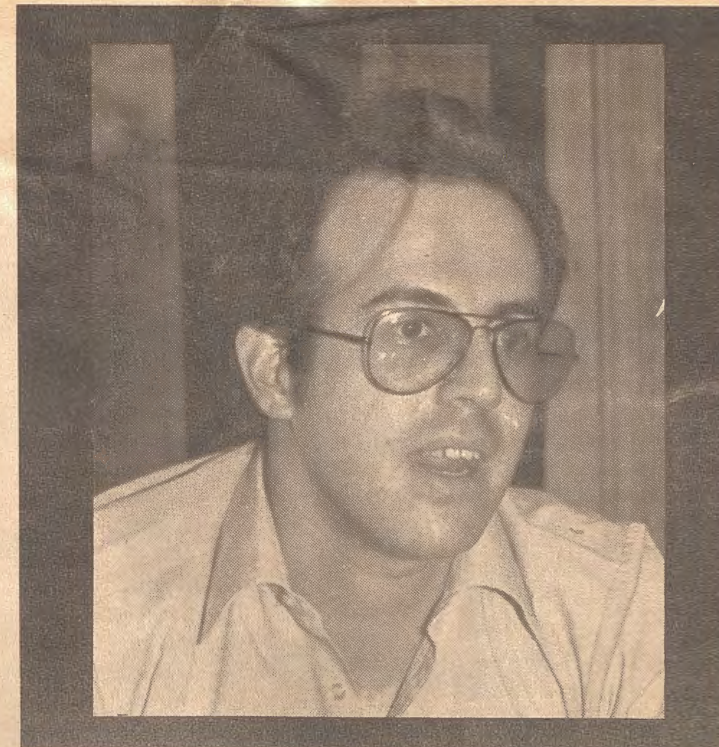
sões nacionais para cada item da exportação agrícola. Então, com a participação de todos os setores produtivos, se coordenarão para formular políticas para as colheitas. Está claro que o fenômeno social difere profundamente do que possa sugerir o termo "compactação".

Juntas diretivas nas empresas

Com uma ênfase similar, fala-se de novas juntas diretivas no Ministério da Economia, Indústria e Comércio. Luis Carrión comentou que estes garantirão a comunicação do aparato central com os demais setores, fortalecendo assim as experiências anteriores.

"Agora vamos dar mais um passo ao incorporar a outros setores da iniciativa privada na gestão das empresas estatais", especificou o dirigente. Deixando seu cargo anterior como vice-ministro do Interior, Carrión coordenará agora "aspectos muito relacionados entre si, como o problema da produção e o abastecimento dos bens de consumo básicos".

No entanto, enquanto se simplificam os ministérios e se reorganiza a massa trabalhadora, continuam nas empresas e centros produtivos os esforços para reduzir os custos de produção e aumentar a eficiência. Desde fevereiro passado, este desafio reproduz-se em todos os âmbitos.



Luis Carrión, Comandante da Revolução e Ministro das Finanças: haverá maior espaço para o setor privado

REORDENAMENTO DA FORÇA DE TRABALHO

A reforma monetária assentou as bases para uma revalorização dos salários

Por Bayardo Salmerón

Na Nicarágua há abundante terra fértil, pesca diversificada em dois oceanos e num grande lago; ricas jazidas de ouro e prata; bosques e madeiras preciosas; grandes reservas de energia hidráulica e geotérmica, e belos lugares para o turismo de praia ou de montanha. Contudo e apesar disto, há pessoas que padecem da fome.

Esta dura realidade é o resultado de muitos anos de colonialismo e dependência, que formou uma mentalidade dirigida ao consumo importado baseado no empréstimo ou na doação, em prejuízo da produção nacional. Dadas estas circunstâncias, o emprego concentra-se nos serviços e nos centros urbanos do Pacífico.

Com o triunfo da revolução popular sandinista, em julho de 1979, os nicaraguenses recuperaram o direito a usufruir dos benefícios das riquezas nacionais e a construir uma economia independente. Para isto, somente, dispunha do desejo de trabalhar e produzir, uma boa dose de dignidade e um projeto chamado "economia mista".

O primeiro passo significativo que se deu para estimular a produção nacional foi a refor-

ma agrária. Graças a ela pôde-se afirmar que o setor agropecuario resolveu o problema do desemprego estacional e estimulou o labor produtivo e começou a mostrar modestos índices de crescimento econômico.

Com o bloqueio econômico e comercial imposto pelos Estados Unidos, desnudou-se a relação de dependência com eles: as importações provenientes desse mercado determinavam 99,99 por cento do consumo nacional e praticamente a totalidade da capacidade produtiva do país.

Paradoxalmente, devido a essa medida imposta em maio de 1985, o emprego produtivo adquiriu uma enorme projeção. Surgiram as brigadas econômicas e o movimento de inovação tecnológica adquiriu dimensões insuspeitas.

O caminho do emprego produtivo e de uma correta política trabalhista em correspondência com o desenvolvimento econômico estava traçado. Mas os efeitos da guerra de agressão provocam e estimulam profundas deformações na economia, que obstaculizam a execução e o amadurecimento dos planos e programas.

As deformações em matéria trabalhista são as seguintes:

1. há emprego supranume-

rário resultando no incremento dos custos de produção e baixa produtividade;

2. elimina-se a relação do salário com o trabalho e a produtividade;

3. o salário perde sua capacidade de estabilizar a força trabalhadora;

4. proliferam organismos com funções duplicadas;

5. a divisão do trabalho nos ministérios centrais perde correspondência com o desenvolvimento técnico do país; e

6. os ministérios centrais perdem o controle dos centros de trabalho no setor.

Com a reforma monetária começou-se a atacar estas deformações. Revaloriza-se a escala salarial, eliminam-se os subsídios, estabelece-se uma equivalência entre as divisas das importações e exportações, criam-se mecanismos para controlar os custos de produção, transporte e comercialização.

As medidas de fevereiro passado atuam indiretamente como elementos ordenadores das atividades econômicas, com a finalidade de propiciar sua rentabilidade e garantir a estabilidade do emprego.

Neste contexto, a compactação do estado que se firmou recentemente, parte do princípio de maximizar os graus de

produtividade.

Dada a existência de empregados supranumerários nos organismos do governo central, é óbvio que a compactação se concentrará em reduzir o pessoal. Neste caso, a reforma monetária e a compactação atuam como estimulantes do uso racional da força de trabalho e sua correta distribuição por setor econômico e região, e reorienta o emprego até a produção e até as regiões que historicamente têm demandado força de trabalho.

Para aqueles que resulte em afetados pela redução de pessoal, as alternativas mais reais são a produção agrícola, a pesca e o processamento artesanal de uma lista de produtos que eram importados e que podem ser produzidos aqui.

O turismo privado ou estatal oferece também uma solução, já que atua como multiplicador e gerador de atividades produtivas, com seus frutos aparecendo a curto prazo.

Para apoiar este reordenamento de pessoal, iniciou-se um inventário e controle das praças vagas de todos os centros de trabalho, com a finalidade de oferecê-las àqueles trabalhadores ou profissionais que desejem retornar às suas regiões de origem. Assim mesmo, recomendou-se o estabelecimento de uma política de es-

tímulos financeiros e fiscais e a garantia de todas as facilidades àqueles que, pela primeira vez, desejem investir em sua região de origem.

Por outro lado, vários organismos de massa, populares e gremiais já iniciaram um trabalho de apoio para realocar pessoal. A Central Sandinista de Trabalhadores está promovendo a criação de cooperativas agrícolas; a União Nacional de Empregados e a Associação de Profissionais estão elaborando planos para o fortalecimento de empresas ou instituições com os trabalhadores mais qualificados.

Enquanto se promovem políticas que vão criando condições reais tendentes à redistribuição mais racional da força de trabalho, o efeito do reordenamento se verá a médio e longo prazos. Nossa atitude não é coercitiva. O número dos atingidos não é decidido pelo Ministério do Trabalho, nem pela Presidência da República, mas determinado por cada empresa, sob a supervisão dos sindicatos e com a participação dos próprios trabalhadores.

Bayardo Salmerón é diretor do Escritório de Emprego no Ministério do Trabalho

ATÉ ONDE VÃO OS SALÁRIOS

Pedem mais flexibilidade

A reforma monetária significou uma redistribuição da receita em benefício do setor formal da economia e assentou as bases para uma revalorização dos salários, que gozaram de um incremento médio líquido inicial de 500 por cento.

Poucas semanas depois das medidas, um trabalhador com uma receita média havia melhorado definitivamente sua capacidade aquisitiva.

Além deste incremento básico, começou-se a flexibilizar o sistema nacional que rege os salários na Nicarágua. Este situa os trabalhadores segundo sua qualificação e experiência, numa de 39 escalas entre um soldo de 500 e 7.530 córdobas novos. Anteriormente a receita máxima era oito vezes maior que a mínima; agora a relação entre o salário menor e o maior mudou para 1 a 15. O objetivo

era romper com a rigidez do mecanismo anterior e prover maior mobilidade ocupacional, para contribuir para que os salários recuperassem sua função econômica: oferecer uma justa remuneração e um estímulo à produtividade.

No entanto, recentemente, diversos setores trabalhistas e profissionais advertiram que o SNOTS (Sistema Nacional de Organização do Trabalho e os Salários) ainda se aplica com uma lógica independente dos demais preços na economia. Estes continuam se movendo, o que põe em perigo a deterioração do poder aquisitivo dos trabalhadores algo que se tratou de freiar com a reforma monetária.

As sugestões vão desde retornar ao método dos incentivos materiais, que se converteram em complementos salariais sem correspondência, ao

esforço superprodutivo, gerando anarquia e inflação — até a — defesa férrea do SNOTS e a luta para garantir o abastecimento nos canais seguros e por elevar a produção.

Para o governo, o dilema consiste em que um incremento salarial inevitavelmente gera o aumento nos outros preços da economia e induz maior inflação, mas também há uma crescente receptividade sobre as necessidades materiais dos trabalhadores.

Esta situação já havia sido prevista pelas autoridades desde o início da aplicação da reforma econômica. Os funcionários do governo esclareciam então que a medida não significaria o congelamento dos salários. Mas se disse que se evitaria a todo custo que os aumentos nos níveis de receitas fossem o resultado de uma dinâmica especulativa sobre as

empresas e o setor produtivo.

Aplicando esta lógica, e considerando que ainda não se anunciaram aumentos salariais, se deduz que ainda se realiza ajustes na economia que não permitem mudanças salariais. O esforço atual se centraliza em conseguir um adequado grau de eficiência, o que significa reduzir ao máximo os custos de produção. Aparentemente, os diversos setores econômicos ainda têm que se disciplinar para evitar fazer os cálculos com base em preços especulativos ou em exclusiva proporção com as importações.

Existe um crescente consenso na necessidade de elaborar um sistema guia amplo, que se baseie nos princípios do SNOTS, mas que permita sua aplicação flexível segundo as particularidades de cada trabalhador. "Existem juntas direti-

vas nas empresas, nas quais participam os sindicatos, que poderiam determinar a situação ocupacional dos trabalhadores e suas receitas salariais", disse Augustín Vega, dirigente operário do ramo têxtil — vestuário.

Vega se pronunciou por flexibilizar o SNOTS para reconhecer a diversidade ocupacional que caracteriza a massa trabalhadora nicaraguense. Formalmente, dois trabalhadores podem desempenhar um cargo similar, mas possuir diferentes níveis técnicos e capacidades em medidas que não são registradas pelo sistema atual. "A contratação livre deforma a consciência da classe operária", sustentou o trabalhador, que considerou por isso que o que está na ordem do dia, é dar flexibilidade ao SNOTS, não eliminá-lo.

AUMENTAM OS GASTOS PARA OS BRIGADISTAS

A reforma monetária realizada em fevereiro pretende ordenar internamente a economia da Nicarágua, para enfrentar a crise e os efeitos da agressão. Implicou, além do câmbio da moeda, a diminuição do orçamento estatal, a eficiência, a poupança e o controle social para enfrentar a especulação e a inflação.

Este desafio também compete ao movimento de solidariedade, explicou Ana Patrícia Elvir, secretária-geral do Conselho Nicaraguense de Amizade, Solidariedade e Paz (CNASP). A restauração do verdadeiro valor do córdoba tem implicações importantes para os amigos estrangeiros da Nicarágua.

Significa um aumento nos custos dos materiais, que dificultará a execução de obras de construção da solidariedade. Também os cooperadores autofinanciados terão que ajustar seu orçamento. Antes, US\$ 100 trocados na Casa de Câmbio significava o dobro do maior salário nicaraguense na taxa oficial (categoria 39); agora equivalem ao salário da categoria 6, uma redução que, para alguns, será insuportável.

Elvir oferece as reflexões de sua entidade sobre este novo desafio para a solidariedade. Ela está convencida de que o movimento assumirá esta nova frente de luta, defendendo-a, explicando-a e transformando-a em outro estímulo para aumentar a ajuda material.

Como a reforma monetária afetará a solidariedade?

Mais do que afetá-la, a solidariedade entrará em uma dinâmica mais realista no que diz respeito à ajuda material e ao tipo de mudança de que o córdoba necessita. A solidariedade tem que defender estas medidas que diminuirão os efeitos negativos da inflação e a especulação.

Haverá reajustes, quanto ao valor dos projetos e ao tipo de câmbio que os brigadistas terão que fazer. De imediato, posso dizer que os que vivem no país ou os que vêm a ele deverão trazer mais dinheiro.

Não acredita que o aumento do custo de vida será um fator desalentador para a solidariedade?

A realidade aqui foi que os preços dos produtos que eles adquiriam eram irrealistas e demasiadamente baratos. Havia um benefício na taxa de câmbio pa-



Elvir: dura realidade

ralelo (US\$ 1 = C\$ 21,000) que, na prática, era arcado por nosso povo e governo.

O mercado paralelo surgiu como uma opção necessária para certos setores da economia, porém se converteu em uma taxa preferencial para todos os que tinham divisas e influiu nas deformações da economia, já fustigada pelo bloqueio e pela agressão.

Obviamente, há setores minoritários da solidariedade que viram nesta deformação dos tipos de câmbio, uma oportunidade de baratear o custo de vida. Para os que realmente entendem a importância de participar da solidariedade, isto não vai significar nenhum problema, mesmo sabendo que para

alguns será pesada demais a carga. Espero que todos entendam que nosso povo necessita desta medida para sua defesa e que todos se adaptem por razões de solidariedade.

Mas há alguns que resolvem seus problemas econômicos de outra maneira...

Temos que ser duros em nosso posicionamento. Realmente, pensamos que aqueles que não podem assumir os custos de participar na Nicarágua como cooperadores ou brigadistas devem optar por dar outro tipo de solidariedade.

Se eles buscam a solução no mercado ilegal, estão fazendo um grande mal a este país. Interpretamos isto como uma co-

laboração com a reação. Facilitar sua estadia na Nicarágua violentando as leis, além de ser punível, não é solidariedade. Estragam a imagem de seu povo aqui e a amizade nobre e sincera que se criou.

Pedimos aos comitês de solidariedade, como uma forma de se unirem à luta deste povo que paga um preço tão alto com sua própria vida, que nos garantam um compromisso pessoal de combater esta prática.

O que recomendaria a quem já não pode continuar vivendo aqui?

Em primeiro lugar, explicar a medida, informar suas bases porque foi necessária, e estimular com esta explicação um incremento na ajuda material.

Com a reforma monetária, a campanha "Nicarágua Deve Sobreviver" adquire mais sentido e se reafirma como a alternativa mais adequada à solidariedade. Pensamos que agora o melhor é que a ajuda material se concentre como prioridade nos artigos da campanha. Não é que os projetos não sejam importantes, porém, devem ser assumidos pelas instituições que tenham condições para financiá-los de maneira total.

A Nicarágua não pode aumentar seu investimento social. A economia de sobrevivência não é meramente uma ordem, mas uma política traçada claramente pelo governo, e esperamos que nossos amigos nos deem aquilo de que precisamos para dar continuidade ao que começamos. Este é o espírito de sobrevivência que temos proposto a nosso povo.

O que implica o câmbio da moeda na execução dos projetos? Estão paralisados?

Não estão paralisados. Estamos fazendo modificações no andamento, aproveitando a matéria-prima que estava acumulada.

Sabemos que haverá reajustes no valor dos projetos financiados pela solidariedade. Ainda não temos os detalhes a respeito dos novos custos de materiais de construção, trans-

porte, etc., mas irão aumentar e irão requerer mais divisas. A solidariedade terá que ver com mais realismo sua ajuda material e sua forma de colaboração.

Como serão afetados os gastos dos brigadistas?

Eles pagavam uma cota para sua subsistência aqui. Esta cota vai aumentar porque há uma equivalência diferente do dólar. Por exemplo, se antes alugávamos um ônibus por 700 mil córdobas (US\$ 34), agora alugamos por 900 córdobas novos (US\$ 90). O mesmo acontece com o alojamento e alimentação, e temos que dar uma resposta a isto. Não o fazemos com alegria, pois sabemos que limitará a chegada de gente.

Não é possível conceber alternativas?

Estamos procurando. Parte de uma solução é construir um acampamento onde possamos alojar, alimentar e transportar os brigadistas, com custos mais razoáveis. A solidariedade cresceu tanto — no ano passado vieram dois mil brigadistas — que sobrecarregou a infraestrutura e tivemos que usar serviços privados, onde não podíamos influir nos preços.

Esta problemática afeta o tempo, a organização e a qualidade da atenção que o CNASP oferece à solidariedade. Isto poderá ser superado quando tivermos os recursos próprios, mas também precisamos buscar soluções nas quais eles participem de forma criativa; e o acampamento poderia ser uma resposta a médio prazo para facilitar a vinda dos grupos de trabalho voluntário.

Que resposta têm dado os cooperadores às medidas?

Os cooperadores que nos têm visitado têm dito que isto é um desafio que vão enfrentar e que faz parte de uma consciência antiimperialista e da solidariedade aos países subdesenvolvidos, e particularmente a um país agredido, como o nosso.

Depois da reforma, recebemos uma brigada norte-americana de construção. Sugerimos a eles que esperassem até que se ajustassem mais os custos, porém eles decidiram vir, e fazê-lo com mais dinheiro. Isso mostra que a solidariedade compreende a medida, participa dela e está consolidando mais a consciência.

"Para aniquilar a injustiça tem sido necessário atacá-la e por isso temos visto muitos vir à terra com essa missão. Entre eles está Jesus e todo homem que luta pela liberdade dos povos é um seguidor daquelas doutrinas."

A.C. Sandino

Em nome do povo e do governo da cidade do Rio de Janeiro, o Prefeito *Saturnino Braga* e o Vice-Prefeito *Jó Resende* saúdam fraternalmente a NICARÁGUA e o jornal BARRICADA INTERNACIONAL EM PORTUGUÊS, na celebração do nono aniversário do triunfo da Revolução Popular Sandinista, fazendo votos por uma paz digna, firme e duradoura.

FALA O COMANDANTE HENRY RUIZ

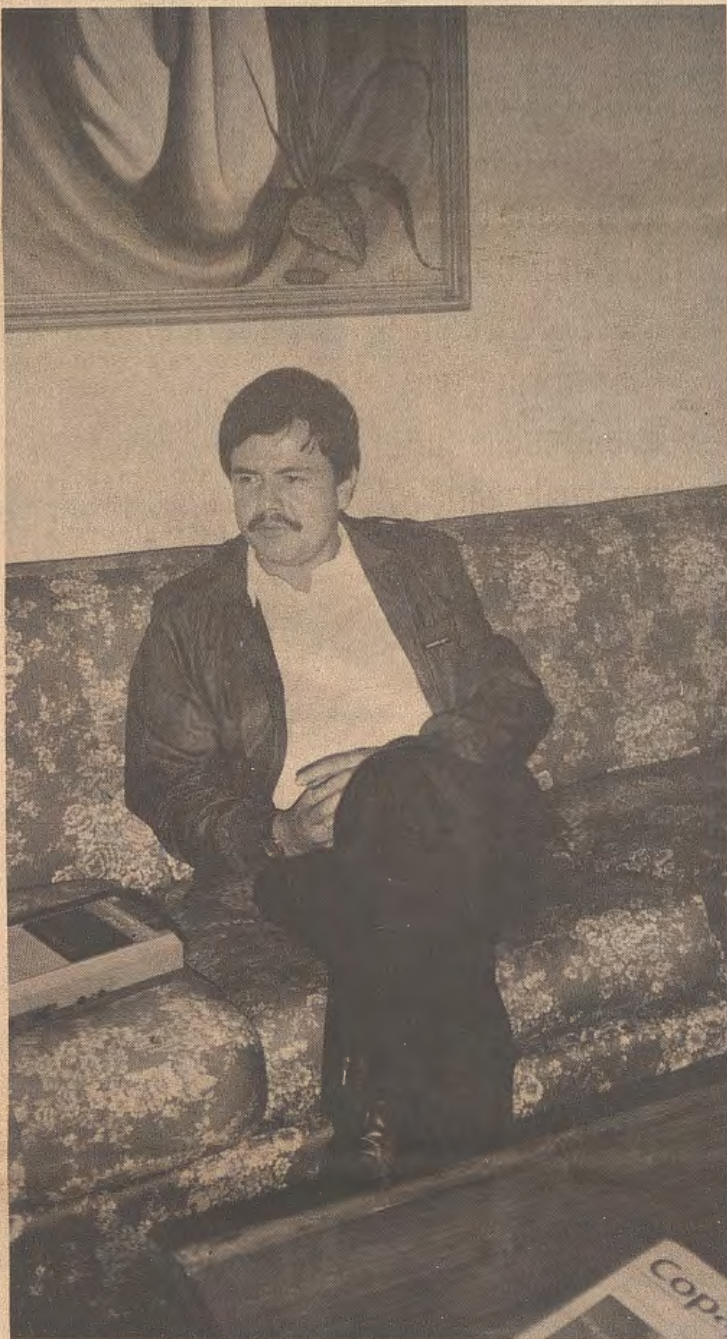
ENTREVISTA EXCLUSIVA CONCEDIDA A BARRICADA INTERNACIONAL EM PORTUGUÊS, NO RIO DE JANEIRO EM 29 DE ABRIL DE 1988, PELO COMPANHEIRO COMANDANTE DA REVOLUÇÃO, HENRY RUIZ, MINISTRO PARA A COOPERAÇÃO EXTERNA.

P. Como você vê o desenvolvimento do processo da paz na Nicarágua?

R. Nós vemos o processo da paz como um processo evidentemente complexo, principalmente pelos elementos que os condicionam. Chegamos a completar agora um cenário, que é o resultado de outros e que demonstra o interesse que temos em desenvolver realmente a democracia em nosso país, com suas características próprias. Às vezes, assusta falar em processo democrático e se pensa que nós, revolucionários, nos deixamos arrebatados às próprias essências da democracia; que caindo em interpretações maiores, deixamos cair também em erros políticos para ver que, se é uma revolução onde se incorporam as grandes massas e onde se toma a essência da democracia, novas formas têm que surgir. Porém, algumas formas tradicionais podem ajudar no desenvolvimento desta democracia. As eleições na Nicarágua são uma forma de constatar se estamos fazendo as coisas bem ou não e isso para nós é um método tradicional. Que elas sejam diretas, é também uma forma tradicional, mas que afiançadas pela presença participativa, torna-se um método seguro de que estamos nominalizando sua decisão a tal programa e por isso responsáveis por um período determinado.

“... esse primeiro cenário é a formação da democracia em nosso país e o processo deve ser realizado exclusivamente pelos nicaraguenses...”

Esse primeiro cenário é a formação da democracia em nosso país e o processo deve ser realizado exclusivamente pelos nicaraguenses, sem interferências externas, para



que se possa resolver com uma mesma linguagem a comunicação entre nós.

O segundo problema é o cenário de como resolver a contradição com a contra-revolução e que tem elementos próprios para a revolução, mas que em sua formulação geral é a intervenção, é a política norte-americana que logrou de alguma forma a decomposição das oportunidades políticas que tínhamos à disposição e incorporou certas parcelas do campesinato ao exército essencialmente mercenário, dirigido e financiado pelos Estados Unidos, ainda que não haja estrangeiros combatendo nesse exército. Essa contradição tem que ser resol-

vida, mas aí aparece a mistura do elemento intervencionista e um pouco das expressões políticas do que foi a guarda somozista. Que são também alguns setores do campesinato, que não entendem o que está se passando e são empurrados e recrutados à força, de várias maneiras, e incorporam-se ao exército mercenário.

O terceiro elemento, que é a essência final da contradição histórica, são os Estados Unidos. Para nós, os EUA têm que participar desse processo, não têm que ser considerados de nenhuma forma sujeitos passivos, que se pode excluir da temporalidade de seus fei-

tos e deixar o testemunho, nos próximos dias, de que tudo ajustou-se e que não gostaram do acordo e voltem a intervir. Tem consistência, então, a negociação direta com os Estados Unidos. Não foram somente sujeitos da intervenção em nosso país, mas também sujeitos da exploração econômica na Nicarágua e seguem a sina de manter essa posição, desculpando-se sob qualquer pretexto: segurança nacional, esquema democrático, fatores de participação, recomposição econômica. Querem testemunhar em tudo, mesmo estando fora e sob o conceito da tutela. Nós, pela própria essência da revolução e da luta do povo nicaraguense, não aceitamos tais coisas de nenhuma maneira. Parece que agora o processo está numa nova etapa e esperamos que seja a etapa final.

“... é necessário dizê-lo de maneira franca, existiam na América Central outras idéias...”

E agora uma descrição minuciosa: quando iniciou-se a idéia de Contadora formulou-se uma espécie de intermediação da América Latina e Europa, como um elemento detector de que a Revolução Sandinista não era uma ameaça para os Estados Unidos sob nenhum aspecto. Essa idéia não prosperou, mas foi o embrião que permitiu seguir avançando para chegar a Contadora. A luta seguiu com crueldade e, nos termos em que se deu, outro recurso foi necessário e se incorporou a América Latina, com 8 países. Depois apareceram propostas, como no caso do Plano Arias, que foi um indicador. Havia outras idéias também.

É necessário dizê-lo de maneira franca, existiam na América Central outras idéias. Ou seja, que amadureceram as condições, surgindo daí Esquipulas I, culminando em Esquipulas II e entrando-

se num processo mais ativo de negociações, para uma saída política do conflito militar. Finalmente, Sapoá, que alguns queriam ver como a negação de todas as formulações e postulados políticos, teóricos e ideológicos da Frente Sandinista, sem dar-se conta de que o que a Frente Sandinista quer é assegurar a vida política em nosso país e dar um sentido de paz para nosso povo e dedicar-se ao desenvolvimento e ao cumprimento do programa que a levou ao Poder.

Com um sentido mais profundo, aberto e definido quanto às relações internacionais, o não-alinhamento de todas estas bandeiras que temos proclamado amplamente nestes quase dez anos de revolução.

A intenção de dialogar com a contra-revolução, no primeiro cenário, tem também movimentos internos no outro cenário, aquele do diálogo nacional. Não gostamos e temos que dizê-lo, o que temos visto com certa tristeza, que os partidos políticos que participaram do processo que culminou com o primeiro presidente eleito na Nicarágua, entraram também no jogo e por assim fazê-lo, se descompuseram, fragmentando-se e criando divisões entre eles e produzindo a idéia de que são mais partidos do que realmente são. Nós sabemos que o que há, essencialmente, é uma falta de formulação política que impossibilita o estabelecimento de um diálogo para resolver os problemas políticos das forças que institucionalizaram o processo democrático em nosso país. Os partidos ou grupos políticos marginais, que não participaram do processo porque estavam associados à intervenção, são agora os que estão estabelecendo as diretrizes, e isto é, na nossa maneira de ver, um reflexo do que sucede na negociação com a contra-revolução e que é, repito, um elemento híbrido porque as forças tradicionais estão juntas das forças somozistas, além da incorporação intervencionista.

Nesse diálogo nós temos colocado bem claro: “Participamos de mais de quarenta reuniões, e há muitos proble-

mas para considerar enquanto que vocês seguem com o jogo. Não sabemos por quê, se o que firmamos hoje é válido, é totalmente temporal e efêmero ou tem alguma duração". Isto não pode ser um estilo político, nem para nós, nem para eles.

Agora, o diálogo com os "contras" me parece e assim foi dito e analisado por todos nós, descobriu uma fissura que estava presente e que demonstra que há uma tendência, que está a favor da via das negociações políticas. Uma outra tendência é pela manutenção da solução armada e para esta, os atuais movimentos políticos e acordos a que se chegou em Sapoá, falam sobre uma trégua para reiniciar em iguais condições políticas, novamente, a atividade militar. Para os outros é a busca de uma solução política que permita mudar os instrumentos atuais de luta, os fuzis, como já dissemos, na Nicarágua pelos microfones, pela imprensa, pela propaganda e por um jogo mais aberto e livre. Eles vão representar, logicamente seus interesses e vão manter.

... a essência política do que são. Porém, nós temos um grande árbitro — e isso nós dizemos como militantes da

"... eles dizem que somos agentes soviéticos e, portanto, base militar soviética... nós dissemos outra coisa, que eles nos têm invadido sempre ... então para dissipar os receios e as suspeitas, entre um e outro, concordemos em fixar as regras, subscrevê-mo-las internacionalmente, submetamos o seu texto aos olhos do mundo, porque nós nos devemos ao mundo e a paz..."

Frente Sandinista —, que é o povo nicaraguense. Para nós,

uma expressão de impopularidade que se dê, tem que preocupar-nos. Quer dizer que as coisas não estão bem, que o curso não é o adequado e que temos que corrigi-lo. Qualquer partido político, qualquer direção política tem que levar isto em conta.

Contudo, os norte-americanos, depois que se descobre esta fissura, ficam preocupados, porque eles não nos tem dado nenhum sinal de que querem um acordo negociado com a Nicarágua, apesar da Nicarágua haver expressado tudo, ter jogado todas as cartas às claras, ter assumido também posições que sim, são de princípios. Que existem expressões políticas que podemos discutir, tal ou qual assunto, a modalidade de alguns fatos, isso não quer dizer que aceitamos ou que pelo fato de aplicá-los, renunciamos a essas posições.

O assunto principal colocado pelos Estados Unidos é o da segurança. Eles dizem que somos agentes soviéticos e portanto base militar soviética, que ameaçaríamos possuir foguetes e outras armas com as quais de fato se ameaçariam as fronteiras dos Estados Unidos. Nós dizemos outra coisa, que eles nos têm invadido sempre. Então, para dissipar os receios e as suspeitas, entre um e outro, concordemos em fixar as regras, subscrevê-mo-las internacionalmente, submetemos o seu texto aos olhos do mundo, porque nós nos devemos ao mundo e a paz. Em tal sentido, as avaliações são atualmente muito tensas em Manágua, pois o resultado, e não é arriscado dizê-lo, não é o que esperávamos. Temos que esperar inclusive, substituições dos delegados que estavam conversando. Se o diálogo não resulta, pelas coisas que tem passado veremos um desejo de sair, ainda que forem militares já que não tem perspectivas de poder resolver o problema militar posto que pelo contrário estamos inclinados totalmente a vitória militar a nosso favor.

Esta é a realidade. Por outro lado, eles estão vendo que o Governo, a FSLN, está dando provas de que tem interesse num processo de formação democrática, com uma base popular profunda e certa, porém com as transformações econômicas e sociais que vimos realizando. De outra forma, nós não entenderíamos a democracia. Esta contradição, podem discuti-la com as próprias massas. Se este jogo ficar claro, nós estaremos dispostos a chegar a acordos com eles. Assim, o que se tem que esperar agora, é possivelmente que se rompam obstáculos ou que se abra um espa-

"... por outro lado, eles estão vendo que o governo, a FSLN, está dando provas de que tem interesse num processo de formação democrática, em nossa democracia, com uma base popular profunda e certa, porém com as transformações econômicas que fomos realizando..."

administração Reagan proclamar a intransigência da Nicarágua. Assim é que percebo, pela minha própria experiência no Brasil e com os dirigentes brasileiros, que está claro para eles que uma negociação como a nossa, com tantas complicações, não pode ter uma solução mágica e voluntarista. Ontem, por exemplo, eles (os contras) chegaram a dizer que antes de iniciar as conversações, teríamos que resolver o problema da autorização do envio da chamada ajuda "humanitária" para suas forças. Porque, senão, não se avança, mas também era certo que havia suficientes verificações, sinais comprovados de que os "contras" haviam recebido a ordem de romper, de não continuar negociando. Nós, que buscamos o caminho das soluções, lhes propusemos a autorização para o ingresso da ajuda (eles dirigem a imagem de que se não lhes chega essa ajuda, suas tropas morrem de fome, apresentando-a pe-

"... nós dizíamos que 'falamos com o dono do circo e não com o palhaço', e eles (Reagan) respondiam: 'Os palhaços são meus'. Então falamos com os 'palhaços' e agora queremos falar com o dono do circo. Não há mais argumentos políticos..."

deve dar-nos confiança para seguir adiante, mesmo que necessariamente não se



ço para continuar em outro momento.

Isto não deve assustar e é por isso que quero assinalar onde começou o processo negociador, que Sapoá inicie uma nova etapa e que ela não se esgote. Estamos certos de que este é o momento político para manter e explicar à opinião pública internacional, à própria contra-revolução e a nós próprios, que estamos empenhados numa solução negociada para evitar em nossa democracia mais custos sangrentos, mais devastes econômicos, mais dor a nosso povo.

Aqui é onde corre-se o risco, se não houver acordos, da máquina propagandística da

rante a opinião pública, especialmente a norte-americana, para que os políticos norte-americanos se comovam diante disto e lhes dêem a ajuda militar para fazer chegar a ajuda "humanitária". Este é o seu jogo, de conhecida lógica, somente condicionamos a que a Cruz Vermelha Internacional seja a encarregada de fazê-la chegar, dentro de 30 dias. Eles responderam, depois de considerações e consultas entre eles, que esta fórmula não era aceitável. A carta está clara. Esperamos que os companheiros que estão na negociação e a opinião pública internacional, como nosso povo, saibam que avançamos até um ponto no qual

avance. Este é o aspecto tal como vejo pessoalmente o processo.

Porque é uma nova etapa e, ademais, porque esgotaram-se os argumentos políticos, e eles declararam à opinião pública mundial, principalmente à opinião pública interna, que somente quando a Nicarágua sentar-se para dialogar com os "contras", até slogans havia. Nós dizíamos que "falamos com o dono do circo e não com o palhaço" e eles (Reagan) respondiam "os palhaços são meus". Então falamos com os palhaços e agora queremos falar com o dono do circo. Não há mais argumentos políticos. Fica claramente demonstrado que a vontade

da administração norte-americana em negociar não existia e possivelmente não existirá até que o senhor Reagan se vá. Não obstante, é interessante pensar que em algumas manifestações de Schultz, de Beacker, desde a Casa Branca, nota-se que estão percebendo que é melhor a saída negociada. Vou dizer algo a esse respeito, da segurança que tenho pessoalmente sobre esta forma de negociação. Aos EUA é conveniente negociar com a Nicarágua. Convém a eles chegar a um acordo. A Nicarágua converteu-se num problema de tal magnitude, que sua própria população organiza-se para que mude essa política. Ademais, parece-me que na América Latina, se há um elemento de união, de maneira universal, é a oposição à política norte-americana contra a Nicarágua, ao bloqueio econômico, à agressão militar, ao isolamento diplomático. E também no Terceiro Mundo, todo o movimento não-alinhado, com uma formidável expressão de repúdio a esta política.

“... a Nicarágua converteu-se num problema de tal magnitude, que sua própria população (EUA) organiza-se para que mude essa política...”

Pensa-se então, para que custos tão altos, pois essa modalidade de intervenção não serviu; a modalidade do isolamento, tampouco. E não serviu com suas próprias forças. Tem-se que dizer que, na Nicarágua, manifestações do povo norte-americano que se vêm tecendo e mantendo-se mais fortes, como por exemplo que em cada quinta-feira, diante de sua embaixada em Manágua, há anos os residentes desta nacionalidade e que não trabalham na embaixada, manifestam-se contra esta política fazendo uma vigília. Além disso, quando desembarcaram em Honduras mais 3.600 marines, cinco cidades dos Estados Unidos reagiram rapidamente. Isto eles quiseram manipular, dizendo que eram agentes nossos os organizadores, era nosso dinheiro ou era o ouro de Moscou, além de outros disparates no mesmo estilo. O que é verdade é

que o povo nicaraguense ganhou a simpatia, num trabalho claro e limpo, contra esta monstruosa política.

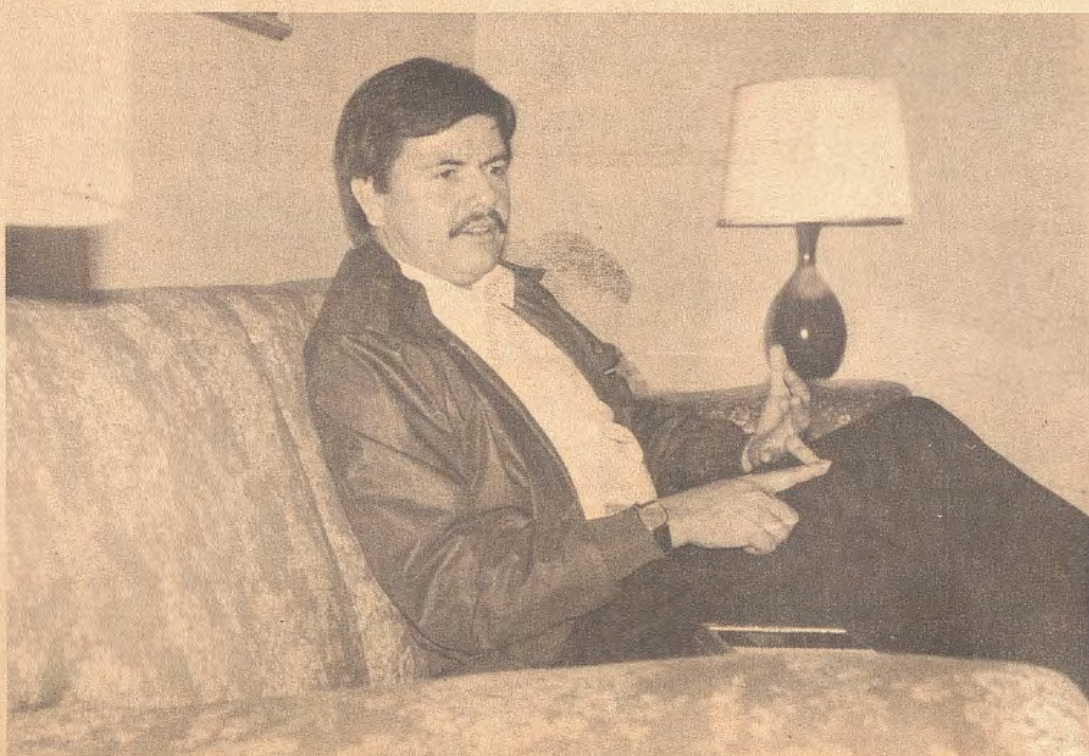
Nossa posição, em compensação, está claramente delineada, tem propostas e fórmulas concretas para a negociação. Assim como há uma fissura entre os “contras”, também existe isso na administração Reagan. Quer dizer que o realismo político parece começar a impor-se sobre o fanatismo, o dogmatismo e a atitude messiânica de impor a nosso povo essa política, uma forma de política determinada.

BIP — Então ficaria claro que os setores mais “progressistas” dos “contras”, mais dispostos a dialogar, não tem vontade “própria” para o diálogo, mas obedecem a um setor da administração Reagan, que

com a atual administração, embora tampouco esteja com o sandinismo ou com a Revolução Nicaraguense. Efetivamente não está. Entretanto tem feito certos trabalhos para conduzir as posições de considerações políticas e de realismo político a uma contra-revolução que coincide de fato, no desprestígio, no isolamento da atual administração Reagan. Isto quer dizer que tampouco é gratuito. Os “contras” isolaram-se politicamente. Todo aquele perfil que tinham, quando nomearam Arturo Cruz, Robelo, Pedro Chamorro, etc., e levaram-nos a mostrar, a tentar vender uma imagem — o que conseguiram num certo momento — de que o Governo Nicaraguense era “intransigente”, que representava um perigo para os interesses norte-americanos e que era a

so e inconsistentes, sobre os quais montou-se esta propaganda, esta figura. São arrastados pela intransigência do presidente Reagan. Nós sabemos que adiantando posições, isso foi iniciativa nossa, sabemos de comentários de Mikhail Gorbachev de que não se explica a que se deve a atitude tão obsecada de Reagan. Sabemos que este é um dos comentários expressados por ele. De acordo com solicitação nossa em conversações políticas com a direção soviética, atendendo ao problema de segurança da Nicarágua e sabendo também que é problema de segurança dos EUA, sendo a URSS um país amigo da Nicarágua, formulamos nossas posições a respeito do futuro da defesa militar de nosso país.

Levaram-se posições concretas à reunião de Rea-



subversão na América Central.

“... levaram-se posições concretas a reunião Gorbachev-Reagan. A resposta de Reagan foi: ‘Nom coment’ (sem comentários.) Nenhuma reação. A ele não importa realmente nada a esse respeito...”

Sucedem-se agora desmoronam-se os argumentos por fal-

gan com o Secretário Geral Gorbachev. A resposta de Reagan foi: “Sem comentários.” Nenhuma reação. A ele não importa realmente nada a esse respeito. Ainda com seu argumento de que nós somos um peão da URSS, dirigimo-nos ao jogador de xadrez que move as peças e ele disse: “Não tenho interesse nisso.” Porém o peão também fala e rebateu: “Eu tampouco sou peão de alguém.” “O senhor não dá nenhuma satisfação na hora em que está obrigado a dá-la.” Esse desprestígio, essa obsessão em ver as coisas desta maneira, tem-se isolado da própria opinião pública favorável que existia em alguns setores norte-americanos. Este é um fator que pesa.

BIP — Então ficaria claro que a Nicarágua assumiria o compromisso de não invadir os Estados Unidos da

América nos próximos cinco anos?

R — (muitos risos...) Exatamente. Tampouco desestabilizaremos sua economia, nem vamos invadi-los. É uma promessa formal.

BIP — Como tem visto o Brasil?

R — Bem, estou realmente impressionado. É a primeira vez que venho. Conhecia as cifras econômicas, demográficas, etc. Porém, uma coisa é ver os mapas e outra é ver o que há aqui. São contrastes

“... a verdade é que não se pode negar facilmente 130 milhões de habitantes, 8,5 milhões de quilômetros quadrados...”

formidáveis. É um país, quer queira ou não, que tem um peso tremendo. Onde senta-se, afunda o colchão. Parece-me que, independentemente do que às vezes tem sido assinalado como um fenômeno

“... eu imagino que é que o Brasil não tem como reservas ou como recursos naturais...”

hegemonista, sub-imperial, a verdade é que não se pode negar facilmente 130 milhões de habitantes, 8,5 milhões de quilômetros quadrados. É bom poder mencionar isto, porque isto representa, em termos de território, possibilidades de recursos naturais de todo tipo, que permitem a qualquer Estado afiançar o

“... a importância política do Brasil não se pode negar, não pode ser excluída, nem se pôr de lado...”

que possa fazer. Imagino que o Brasil — ademais, tem-se informações — nos propõe a pergunta, que é o que não tem como reservas ou como recursos naturais. Já 130 milhões de habitantes é praticamente a população de um continente, ou de países que são

continentais por sua dimensão e peso, como os EUA, a URSS, a China. É uma realidade que impressiona. A outra realidade que impressiona é o contraste. As favelas são impressionantes. Um grande desenvolvimento por um lado e por outro as favelas. Supostamente aqui deveria haver uma renda nacional que pudesse atacar esses problemas que, uma vez acumulados, criam explosões já não demográficas, mas de outro tipo.

A importância política do Brasil não se pode negar, não pode ser excluída, nem se pôr de lado. Pode-se fazer isto com outras opiniões, mas na América, Latina a opinião do Brasil não pode ser colocada de lado. Entendo que o PIB do Brasil está muito acima, é a soma de vários PIBs da Amé-

“... é grande o contraste, muito extenso o país e muito fragmentados os blocos de poder...”

rica do Sul. Isto determina uma realidade no mercado. Determina, por isso, relações políticas; relações que podem favorecer uma integração latino-americana. Creio que a diferença de outros países, pelo nível de dependência que têm suas economias é o desenvolvimento mesmo na história da América Latina, defrontado para os países desenvolvidos. Neste caso, não se pode jogar facilmente com a figura de que ativando o mercado interno se resolvem estes problemas de desenvolvimento industrial dependente. É grande o contraste, muito extenso o país e muito fragmentados os blocos de poder. Essa é minha impressão, sobretudo conhecer os comentários informativos de brasileiros que estão no Brasil. Sobre como é a complexidade do Brasil.

Também a população impressionou-me. Afetuosa. Impressionou ainda a imagem externa que se tem: a dança, a irreverência, a alegria da população brasileira, embora não tenha visto mais do que um pouco do Rio de Janeiro e Brasília. Brasília é uma coisa muito diferente, com uma arquitetura que, todavia, impressiona, futurista. Falando do povo brasileiro, desse povo brasileiro que, apesar dos contrastes conhecidos, é alegre, “jodador” (brincalhão), como dizemos na Nica-

rágua, sempre cantador e há de ser como o nosso, um povo também disposto e isto numa segunda impressão — quando há pontes possíveis — para falar de mudanças, de mudanças mais profundas, de compromissos mais profundos. E eu assinalo isto de maneira franca, com simpatia e carinho ao Brasil. O Brasil não pode subestimar o seu papel, por mais que queira. Por mais que busque sortear estilos políticos novo, sua realidade impõe-se. Cedo ou tarde vai encontrar com as contradições que todos temos tido. Confio em que o Brasil poderá superar as contradições. Penso, como latino-americano, que as soluções serão menos difi-

tará tomando corpo a paz e o progresso da humanidade.

BIP — Ontem o senhor avistou-se com o Presidente do Brasil. Queríamos saber qual foi sua impressão sobre a entrevista. Que desdobramentos terá isto nas relações bilaterais com a Nicarágua?

R — Ontem tivemos a sorte de participar de duas entrevistas. Uma com o Chanceler Paulo Tarso Flecha de Lima e outra com o senhor Presidente José Sarney. Abordamos dois problemas importantes. O primeiro, o processo da paz. O papel que o Brasil pode ter nos termos mais sublinhados, abertos frente aos acontecimentos atuais, na busca também de en-

não for resolvido, criará uma complicação em toda a América Latina, complicação esta que pode entrar nas esferas governamentais no início, depois em outras esferas e, seguramente, nos próprios povos que não aceitariam uma intervenção dos EUA. Isso porque todas as outras formas esgotaram-se, restando somente esta última, que sempre foi formulada como a primeira pela administração norte-americana, mas a impossibilidades política tem impedido que se concretize.

Em tal sentido, nós entendemos as declarações do Presidente Sarney. Do interesse do Brasil, da dedicação do

crítica, como seria o caso nicaraguense. O volume de nossa dívida é muito grande. A economia está sufocada por causa da crise internacional e sobretudo pela guerra. Esta percepção é a que nós temos, a de que tal método de tratamento especial significa uma consideração política para o problema desta dívida. Estamos confiantes que isso também será considerado para com a Nicarágua e uma vez resolvido isto, temos a esperança de que novamente as atividades econômicas, comerciais e de assistência técnico-científica voltem a ser ativadas com nosso país. Para tanto, faço votos de que nossas relações se aprofundem, incrementando o nível de intercâmbio, sendo, que no lado político, o Brasil tem estado preocupado, mas também interessado em encontrar soluções.

BPI — Que mensagem transmitiria aos leitores de BARRICADA INTERNACIONAL em Português?

R — Em primeiro lugar, nossos agradecimentos, porque a existência de BARRICADA em português significa um acesso mais fácil à Revolução nicaraguense para um grande número de pessoas que se interessam pelos problemas de auto-determinação dos povos, pela luta dos países em vias de desenvolvimento e pela luta dos povos menos desenvolvidos. Isto é, de povos que empreendem de forma decidida a luta por sua independência, por um desenvolvimento social e econômico mais livre. Estas realidades são geralmente muito mais dramáticas do que as que vive o Brasil. Entre aqueles, só para citar alguns, estão a Nicarágua e Moçambique. Tal interesse provoca em nós respeito e admiração. E isso saudamos com carinho.

Quanto ao povo do Brasil, que não é só o povo do samba, que é alegre e é um povo de luta de grande história, penso que não renunciou à história e que, com certeza, lutará por uma história muito mais latino-americana, muito mais terceiro-mundista e muito mais comprometida. Esse é o povo que vemos nesta primeira oportunidade de estar no Brasil e que é um povo que amamos, que admiramos e que sabemos que lhe espera um destino melhor do que aquele que tem atualmente, sem querer dizer, com isto, que o que tem neste momento é depreciável e sem importância. Por si próprio, o Brasil tem importância em todas as suas manifestações. Nós nicaraguenses, sentimo-nos também comprometidos com a luta do povo brasileiro e com a sua tradição de luta.



“... e eu assinalo isto de maneira franca com simpatia e carinho pelo Brasil...”

ceis para o povo brasileiro à medida em que esteja junto com a América Latina, isso porque, finalmente e todavia, o grande mentor das políticas e domínios são os EUA. Eu tenho dito que nós temos sido, temos contribuído para que o povo norte-americano tome consciência. E temos feito isso com a nossa luta. Na medida em que o povo norte-americano tome consciência das realidades do mundo, es-

contrar uma solução com os EUA.

O outro assunto que tratamos foi o das relações bilaterais. Especialmente porque na parte técnica as mesmas têm-se desativado, a partir de que nós temos uma dívida com eles e que havia uma proposta da Nicarágua para que renegociasse. Por razões de caráter técnico e de circunstâncias, não temos podido sentar novamente e discutí-las. No primeiro caso, o Presidente Sarney manifestou claramente o interesse do Brasil em encontrar uma solução política na região centro-americana e a Nicarágua em particular. O Presidente brasileiro saudou de forma comovente ao povo nicaraguense e manifestou sua admiração por ele, um povo pequeno que luta pela sua auto-determinação. A nossa impressão é que o problema da América Central, se

Itamaraty na continuação da tomada de iniciativas, dentro de todas aquelas políticas que o Brasil sustenta internacionalmente e que não representam uma intervenção interna nos assuntos da Nicarágua. Isto ele assinalou com muito respeito e nós saudamos esta posição.

Quanto à questão econômica, há sim uma clara disposição, taxativamente expressa, para o reinício de um processo de negociações. Assinalou também ele que o Brasil tem um enorme interesse em compreender nossa situação e em que nós compreendamos a situação do Brasil frente à dívida externa. O Brasil está formulando esquemas para enfrentar esses compromissos, para os quais leva em conta as relações econômicas em países e governos onde é credor e que estão numa situação

CONTINUA A LUTA CONTRA OS MAUS-TRATOS

No último ano, os maus-tratos contra a mulher foram tema de análise permanente nos meios de comunicação. A televisão, o rádio, a imprensa escrita envolveram-se na campanha educativa montada pela AMNLAE para erradicar esse vício herdado da sociedade anterior.

Na realidade, começou-se a dar atenção a esse problema tão comum em nosso país já em 1983, quando foram abertos os primeiros escritórios legais para a mulher. Ali os casais em conflito matrimonial encontram aconselhamento jurídico e psico-social.

Segundo uma pesquisa realizada por uma equipe de juristas numa mostra de 500 mulheres, 44 por cento sofrem maus-tratos, independentemente de classe social. A idade dessas mulheres oscila entre 25 e 34 anos e quando se atrevem a denunciar o problema ante as autoridades já contam com quase dez anos de sofrimento em silêncio. Razões mais comuns: impossibilidade de manter sozinhas os filhos, dificuldades de conseguir moradia, sentimento de culpa ou temor de represálias.

A Associação de Mulheres Nicaraguenses Luíza Amanda Espinoza, AMNLAE, assina-



Os postos de direção ainda são poucos

lou num documento de cem páginas a necessidade de formular alternativas "concordes com a nova sociedade em construção".

Para poder apresentar queixa de maus-tratos, o código penal exige em seu artigo 137 a comprovação de marcas físicas na vítima, sem contemplar nenhum recurso para lesões não-visíveis, de tipo psico-

lógico, que de fato são mais importantes. Quando a polícia remete o caso da mulher maltratada para um médico legista, este em geral se baseia em leis e métodos ultrapassados para elaborar seu informe.

Nos escritórios legais da AMNLAE, criados para resolver diversos problemas de relacionamento entre casais, idealizou-se uma fórmula prática

para atender tais conflitos. Em 1987, elaboraram-se quase duas mil "Atas de compromisso" entre casais, nas quais se estabeleciam os termos de uma nova relação.

As terapeutas sociais envolvidas nesse trabalho consideram que a melhor forma para resolver definitivamente o problema dos maus-tratos é criar um estudo de opinião em toda a sociedade, e começaram por instruir as mulheres sobre seus direitos, estabelecidos na nova Constituição. A Carta Magna condena expressamente toda forma de maus-tratos contra a mulher e deixa aberta uma porta para que o movimento feminino possa, no futuro, apresentar um projeto de lei que regule essa conquista jurídica e social.



Terapeutas dão apoio permanente

IGUAL SALÁRIO E IGUAIS OPORTUNIDADES

A mulher constitui o principal suporte da economia nicaraguense e, como tal, está demonstrando sua múltipla capacidade de trabalho, desqualificando assim os conceitos discriminatórios de boa parte da sociedade.

Diversas pesquisas realizadas nos últimos meses coincidem em assinalar a necessidade de revisar a questão do trabalho feminino, porque aqui ainda persistem as estruturas patriarcais do passado.

Num dos estudos mais recentes, intitulado "Mulher e agroexportação na Nicarágua", se assinala que a divisão genérica do trabalho prevalente em nosso país obriga as mulheres a assumir suas tarefas produtivas sem prejuízo das responsabilidades domésticas. Com isso elas perfazem duas jornadas de trabalho, chegando a 16 ou mais horas diárias.

A pesquisa realizada pelo Instituto Nicaraguense da Mulher, entre agosto de 1984 e março de 1985, recolhe os resultados de uma investigação realizada junto a 800 mulheres que trabalham com tabaco, algodão e café, em áreas privadas ou estatais. Dentre as conclusões, destaca-se a necessidade de promover a socialização do trabalho doméstico mediante a tecnificação e ex-

tensão dos serviços sociais e "impulsionar a realização das tarefas domésticas e cuidado das crianças de forma compartilhada entre todos os membros da família".

Recomenda também oferecer às trabalhadoras rurais melhores condi-

ções de segurança no trabalho, de capacitação e de abastecimento de produtos básicos.

O estudo revela que 81 por cento estão ligadas a alguma organização de massas, mas apenas um terço participa ativamente nas assembléias e reuniões,

porque ainda prevalecem a timidez e os sentimentos de inferioridade e insegurança.

Para o setor industrial, o escritório governamental da mulher, dedicado ao estudo e formulação de políticas femininas, recomendou desde o ano passado desenvolver uma estratégia para acabar com a discriminação salarial e com a segregação ocupacional.

As diferenças para qualificar o trabalho de um ou outro sexo são tais que uma operadora de teares ou uma maquinista industrial ganham de 30 a 60 por cento dos salários pagos a homens que desempenham as mesmas funções.

No ramo têxtil, as mulheres representam 70 por cento da força de trabalho total, mas a maioria trabalha como ajudantes de produção, operadoras de máquina ou no setor de manutenção.

Sua presença em cargos diretivos ainda está limitada pela atitude dos que resistem a aceitar a igualdade de oportunidades amparada pela Constituição Política e reclamada pela nova sociedade.

Os estudos citados assinalam como tarefa de primordial importância para a revolução a de inculcar estes princípios nos homens e mulheres e assim aprofundar o processo de transformação dos valores nacionais.



ERA PRECISO LEVANTAR A ESCOLA

O sol acaba de emergir por detrás das escuras e estreitas montanhas segovianas. Num oásis, frondosas árvores oferecem sua sombra protetora à antiga cidade. De cada casa emana o som hipnotizante das palmadinhas das tortilheiras.

Os 12 mil habitantes de Condega despertaram antes do amanhecer para aproveitar as poucas horas de luz elétrica e água e assim poderem dar conta de seus afazeres domésticos e do trabalho industrial do curtume, matadouro e beneficiamento do café. Às sete da manhã, devido ao programa de racionamento energético nacional, cortam a energia dessa região e o povo retorna à tranquilidade de antigamente, quando não havia o perturbador ruído das máquinas.

Pelas ruas, as crianças correm pra lá e pra cá sem perigo e sorrisos e saudações vão e vêm entre os caminhantes.

A essa hora um grupo sobe a colina ao norte da cidade. Em meio à neblina matinal, distinguem-se seis vultos com seus carrinhos de mão, pás, picaretas, colheres de pedreiro e os martelos balançando nas cinturas. As botas pisoteiam as pedras fazendo desprenderem-se bolinhas de barro ladeira abaixo, enquanto se encaminham para os três dos 12 pavilhões que vão compor a escola primária Moisés Córdoba, assim batizada em homenagem a um herói local tombado em El Jocote.

A execução da obra está exclusivamente em mãos de mulheres. Aqui, a 25 km da fronteira com Honduras, as silhuetas que sobem cada manhã para a escola em construção correspondem a seis pioneiras nesse trabalho até então reservado aos homens. Operou-se nelas uma metamorfose que as converteu de donas de casa em peritas pedreiras.

O trabalho teve início em agosto de 1987, quando chegou a Brigada Companheiras, composta por 20 norte-americanas. Esse grupo já há um ano vinha elaborando um projeto que não deveria servir apenas à revolução, mas constituir-se também em instrumento para seu próprio desenvolvimento e o da mulher nicaraguense. A brigada se retirou em fevereiro, deixando o terceiro pavilhão por concluir, à espera de mais fundos. As pedreiras que para cá vieram, agora estão encarregadas do projeto.

Dispostas a tudo

Chica Ponce, rosto redondo, covinha profunda na face esquerda, é mãe de seis crianças de quatro a treze anos. É também o motor principal da nova cooperativa de construção "Maria José Talavera", a vizinha de Santa Galo e educadora que caiu numa emboscada há quatro meses. Foi Chica que incentivou outras oito mulheres a aproveitarem a oportunidade oferecida pelas Companheiras para começar uma nova vida.

"No princípio pensei que seria difícil. Não é qualquer uma que toma a



Equipe feminina trabalha na construção da escola

decisão de deixar a própria casa para se pôr a construir." Para animá-las, costumava dizer que não há nada difícil na vida, escondendo suas próprias dúvidas. Mas agora, "descobri que o que eu dizia estava certo", conta Chica lembrando seus argumentos para persuadi-las.

Têm entre 22 e 43 anos. Só uma vive com o "pai de seus filhos", como chamam a seus ex-maridos, e só uma já havia trabalhado antes fora de casa, como cozinheira numa base militar próxima. Antes de o sol sair, terminam seus trabalhos domésticos para em seguida dedicarem-se à construção; perfazem uma jornada de 48 horas semanais.

O grupo sofreu duas baixas: as que trabalhavam como secretárias no matadouro logo entregaram suas ferramentas, voltando à datilografia. Talvez não tenham suportado o árduo trabalho — assinala Chica — ou carregam muitos preconceitos machistas. "Há mulheres que riem de nós. Elas não têm consciência, porque aceitam o que os homens falam."

De fato, o novo trabalho não foi fácil. Para começar, tiveram de abrir valas de mais de um metro de profundidade, cavando o terreno argiloso, característico desta cidade, cujo nome — Condega — em náhuatl significa "cidade dos oleiros". Depois misturaram o cimento, carregaram os tijolos, fundiram a viga anti-sísmica, instalaram a luz e o encanamento de água potável.

Carmen Morales, de 25 anos, com cinco meninos, de seis meses a oito anos, cansou-se de fazer apenas trabalhos domésticos e entrou para o grupo. Seu entusiasmo prevaleceu sobre o corpo dolorido. "Quando já não agüentava mais, eu pensava em ser um exemplo

para meus filhos, na escola que teriam, mas também pensava em aprender coisas novas."

O machismo

As mãos ásperas e cheias de calos, os músculos desenvolvidos e a pele curtida pelo sol só contam a metade da história. O machismo, ainda tão generalizado no país, não deixa de fustigá-las. Ainda que suas famílias vejam com orgulho o futuro desse tipo de trabalho, e estudantes, grupos evangélicos e brigadas de estrangeiros as apoiem com jornadas de trabalho voluntário os comentários cínicos dos "que não gostam de nos ver no mesmo pé que eles" não são raros.

Quando elas começaram a construir a escola, a primeira tática consistia em intimidá-las e acusar suas famílias de não ter capacidade econômica para mantê-las. Chica conta que um machista "de marca maior" dizia: "Veja só como põem essas mulheres para trabalhar." Esse indivíduo só queria devolvê-las à cozinha: "Eu não tinha paciência com ele e soltava o verbo", comenta a dirigente, conhecida por suas expressões irreprimidas.

Fracassando esta manobra e depois de já estar de pé o primeiro pavilhão, os incrédulos asseguravam que o trabalho não era bom, que elas não sabiam assentar tijolos, que o teto ia desabar sobre as crianças. "Tiveram que engolir as palavras" — disse Glória Hernández, a única solteira do grupo — "quando as paredes resistiram ao tremor" de há alguns meses.

Marcelina García, com seus 43 anos, é a "avó" e a única que ainda tem marido, talvez porque ele sabia compreender sua vontade de "saber tudo". Ele

confirma suas palavras: "Não era preciso ela trabalhar, mas isso é um problema dela; não tenho por que ter ciúmes."

Proteger o próprio sonho

No futuro, disse Chica, "nosso sonho é seguir em frente, aprendendo e trabalhando. Ainda estamos engatinhando". Formar uma cooperativa não é fácil, nem no papel nem na prática. Ainda não está decidido a que atividade se dedicarão: alvenaria, marcenaria, eletricidade, etc. Estão inclinadas para a carpintaria, porque quando a escola estiver terminada vai precisar de novas carteiras.

Há também a possibilidade de conseguirem um contrato para construírem 50 moradias e a escola na cooperativa tabaqueira de Arenales, a seis quilômetros de Condega. Isto depende tanto do acesso a financiamento estrangeiro como do término das atividades contrarrevolucionárias. Os "contra" atacaram a cooperativa vizinha a 3 de janeiro; por coincidência elas estavam de visita ali, exatamente nesse dia. Mas isso não intimida Chica: "Se tivermos que morrer, morreremos".

Juram que nada lhes vai tirar a confiança. "Não me enganam mais. Sou capaz de fazer as coisas melhor, do meu gosto", afirma Chica, brandindo sua ferramenta predileta, o martelo. Estão orgulhosas com a escola levantada com pura força feminina.

Se persiste alguma dúvida, basta ver que alguns estrangeiros, que chegaram para ajudar a concluir o projeto, estão cavando os sanitários. E as mulheres insistem: "Nós queremos assentar até o último tijolo."

Uma reviravolta completa da economia

DOCUMENTOS

OPERAÇÃO "BERTHA"

A maior ação clandestina do povo no poder

Por Guillermo Cortés Domínguez

Bertha". Este seria o nome de uma das maiores ações clandestinas da história da América. Henry Ruiz Hernández, naquele momento Ministro do Planejamento, batizou assim o que se converteria num verdadeiro movimento de massas secreto que, como uma insurreição, somente se evidenciaria plenamente quando tudo estivesse organizado em seus mínimos detalhes.

Para sua execução, adquiriu o nome de Operação "Mártires de Quilali", em reconhecimento à memória das crianças e adultos despedaçados pela mina que os "contras" colocaram, explodindo um pequeno ônibus Robur repleto de passageiros civis.

Mas a reforma monetária iniciada em 15 de fevereiro, com a mudança da moeda, foi sempre conhecida como Operação "Bertha" entre o reduzidíssimo grupo de conspiradores que desde 1982 vinha trabalhando como *toupeiras*, presos a um juramento inviolável e, sobretudo, conscientes daquela missão histórica.

A mãe de Carlos Magno, uma das figuras mais poderosas da Europa Medieval, chamava-se Bertha. Mais do que pelo poder de seu filho, ela era conhecida porque possuía um pé maior do que o outro.

Porém Bertha, *a do pé grande*, nada tem a ver com a Operação "Bertha". Pode ter relação com dona Bertha Krupp, a loira fabricante de canhões de longo alcance e de morteiros de 420 milímetros, que levavam seu nome e com os quais os alemães bombardearam Paris durante a I Guerra Mundial (1914-1918).

A operação se converteria, em 15, 16 e 17 de fevereiro, em milhares de poderosos canhões Bertha, que avariariam as enormes muralhas de cédulas que os especuladores haviam levantado.

No entanto, a verdadeira origem do nome de operação continua misteriosa. O Comandante Ruiz sabe disso. A única coisa que sei é que tem a ver com um poema. Mas isto não é o que mais importa, a não ser que ocorreu em 1981.

No fim desse ano, quando o Ministério do Planejamento elaborava o Plano Econômico para 1982, Ruiz "farejou" indícios de liquidez, ou seja, de muitas cédulas pelas ruas, o que pressagiava um crescimento anormal da inflação.

Junto com seu Vice-Ministro, Luís Enrique Figueroa — atual embaixador em Cuba —, iniciou uma investigação para assegurar-se da veracidade daqueles indícios. O resultado foi a corroboração daquela suspeita.

A investigação foi comunicada à Junta de Governo para a Reconstrução Nacional, em meados de 1982. Daniel Ortega respondeu, então, que prepararia as medidas para enfrentar as disposições assinaladas nesse estudo do MIPLAN.

A partir deste momento o Comandante Ruiz aprofundou-se no assunto e criou uma equipe de trabalho, integrada por Figueroa, Alfredo Aleniz — atual embaixador na China — e pelo assessor Juan Jovanés.

Logo se uniram a eles Javier Bone, Noel González, Néstor Alvendaño e René Vivas. O Ministro pediu-lhes para trabalhar numa idéia que, não só resolveria o problema do aumento de cédulas em circulação, mas que também estimularia a produção, argumentando que medidas monetárias dispersas não resolvem os problemas.

As cédulas

O Governo praticamente já sabia o que fazer. A decisão estava tomada. Havia que elaborar a idéia da reforma monetária e logo determinar o momento propício para sua execução, e isso dependeria de fatores diversos, operativos e, sobretudo, políticos.

Tão certo estava o Governo que imediatamente o Ministro Ruiz aproveitou uma viagem de trabalho por vários países europeus e logo expôs o assunto ao Ministro do Planejamento da República Democrática Alemã (RDA).

Esse país respondeu prontamente, oferecendo assessoria técnica e comprometendo-se com a fabricação das novas cédulas. A decisão implicava também em guardar a operação em segredo.

Em agosto de 1982, inadvertidamente veio à Manágua uma missão da RDA, com um contrato para a fabricação de cinco bilhões de córdobas novos, que foi assinado pela parte nicaraguense por Luís Enrique Figueroa.

Sucederam-se várias idas e vindas para garantir a qualidade das cédulas. A qualidade era essencial, não só para a Nicarágua, mas também para a RDA, porque com esta fabricação, introduziam-se num mercado tradicionalmente dominado pela firma inglesa Thomas De La Rue.

O tipo de papel, as gravuras, as contragravuras, os selos, medidas de segurança especiais, a tinta e outros detalhes foram objeto de minucioso estudo.

Em abril de 1984, quando a Nicarágua participou pela primeira vez de uma reunião de bancos do Conselho de Ajuda Mútua e Econômica (CAME), Figueroa aproveitou para ultimar os detalhes com os fabricantes.

Examinou as amostras e também uma proposta sobre como se transportaria o dinheiro à Nicarágua. Porém, a nova remessa monetária não viria imediatamente, já que ficou guardada durante um ano em algum lugar da RDA.

Contudo os cálculos econômicos nos quais se avançava para determinar com precisão, até em seus mínimos detalhes, a Operação "Bertha" indicavam que eram necessárias mais cédulas do que haviam sido contratadas.

Assim sendo, Javier Bone partiu para a RDA e firmou um contrato adicional para a fabricação de vários milhões de

novos córdobas.

No final de 1984, o Comandante Ruiz telefonou ao gabinete do Vice-ministro do Interior, Comandante Guerrilheiro René Vivas e combinou um encontro em sua casa.

Na reunião que sustentariam nesse mesmo dia, Ruiz lhe explicou a Operação "Bertha" e pediu-lhe que elaborasse no menor tempo possível um plano operativo para o recebimento da nova moeda.

Vivas manteve vários contatos diretos e indiretos com os fabricantes e, em algum momento de 1985, tudo ficou pronto. De um porto europeu saiu um barco que trazia todas as novas cédulas. Aparentemente, só o Capitão do navio sabia que uma parte da carga que trazia era esse volume monetário.

No entanto, para todo mundo, nesse barco vinha um importante donativo para os nicaraguenses, consistindo principalmente de alimentos.

O MINT adotou medidas rigorosas para o desembarque. Foi como o recebimento de armas. Contudo, as medidas de segurança eram discretas, porque o MINT chegou à conclusão de que o "escândalo é o pecado".

Participaram duas unidades militares: parte de uma Brigada de Operações Especiais do MINT e uma Companhia de Brigada Especial da Polícia Sandinista.

Vinte furgões foram contratados para a operação. Alguns dias antes ficaram estacionados em pontos diferentes de Manágua, de onde foram a Corinto, em horários diferentes e em pequenos grupos, de modo a nunca aparecerem publicamente como um conjunto.

Os companheiros que descarregavam o barco e carregavam os furgões que iam chegando não sabiam o conteúdo daqueles pesados invólucros. Poderiam ser armas ou qualquer coisa, mas a ninguém ocorreu que era dinheiro. Tudo aconteceu de noite.

René Vivas insistiu com que os invólucros fossem acorrentados aos furgões, mas os "peritos caminhoneiros" disseram que não era necessário e que as grandes caixas de aço estavam muito seguras.

Mas não era assim, porque numa das curvas que há nas cercanias de Mateare, um dos invólucros voou pelos ares, indo cair num abismo. Foi um momento difícil.

Um aspecto essencial da Operação "Bertha" estava em perigo. René Vivas imaginou que um vento forte carregava aos arredores do povoado as novas cédulas e que as pessoas, alegrias, pegavam-nas.

Nada disso ocorreu porque a caixa de aço possuía só uma amalgadura.

A concepção estratégica

Quando Vivas foi chamado por Ruiz em 1984, a equipe que elaborava a concepção estratégica da Operação "Bertha" já havia concluído seu trabalho. Em novembro a expôs ao Governo, propondo duas variantes.

Uma reforma monetária que incluísse a mudança de moeda e um conjunto de medidas que modificassem todo o sistema de cálculos e as políticas de preços e salários, fiscais, etc. Ou uma mudança de moeda acompanhada de um pacote de ações profundas, mas que não alcançassem a dimensão de uma reforma monetária.

Tecnicamente, a proposta resultou certa, mas o Governo decidiu engavetar a Operação "Bertha", à espera de melhores condições políticas para a sua execução.

As discussões que precederam este tipo de decisões não constam em ata, como medida de segurança. Outra das medidas deste tipo e que foi adotada para preservar o segredo da operação, foi a retomada do juramento histórico que os militantes sandinistas faziam na clandestinidade.

Assim, em 1985, na biblioteca da casa de Henry Ruiz, prestaram juramento os integrantes da equipe, o que já não era o mesmo, pois haviam saído uns e entrado outros. Curiosamente e sem que ninguém saiba exatamente por quais circunstâncias, um que jamais prestou juramento foi Luís Enrique Figueroa.

O juramento

"Eu... integrado na tarefa da Operação "Bertha", juro solenemente perante os mais sagrados princípios de nossa Revolução, perante a memória de nossos Heróis e Mártires, perante a bandeira vermelha e preta de nossa Vanguarda, a Frente Sandinista de Libertação Nacional, dedicar todos os meus esforços para cumprir com êxito todas as tarefas que me sejam ordenadas, consciente de minha responsabilidade histórica e do que a operação implica para o fortalecimento da Revolução Popular Sandinista.

"Juro fielmente preservar com zelo o conhecimento adquirido e manter compartimento e o segredo da Operação "Bertha".

"Se violar este juramento, que as leis revolucionárias caiam sobre mim e o desprezo do povo nicaraguense seja meu castigo".

Este era o juramento. Os 60 mil participantes da Operação, cada qual em seu momento, responderam "sim, juramos" e desde então mantiveram seus lábios selados.

Houve porém uma infiltração, alguém, uma pessoa que não estava entre aquelas que juraram, que não conhecia o segredo e que teve acesso acidentalmente a um documento onde se traçava uma parte da Operação. Na hora certa, também foi resolvido este problema imprevisto.

Em 1985, passou novamente a um primeiro plano a Operação "Bertha", embora já estivessem prontas as novas cédulas, não haviam sido fabricadas as moedas, porque precisamente os primeiros cálculos não contemplavam novas moedas.

"Bertha" voltou a ser engavetada. Resgatá-la dependeria da fabricação das moedas, sobretudo dos resultados da nova política econômica que o Governo adotou em 1985, onde ressaltava a lógica de movimentar os salários de acordo com a alta dos preços para proteger os operários e os trabalhadores dos serviços ligados à produção.

As fortes tensões desta política de proteção para o esforço produtivo, causadas pela espiral inflacionária, conduziram o Governo a desengavetar a Operação "Bertha" no começo de 1986 e as autoridades tomaram até a decisão de aplicá-la em abril desse ano.

Ao analisar as questões operativas, observaram, não obstante, que não se podia executá-las nesta data e protelou-

se outra vez. Alguns começaram a chamá-la "Operação Caixa" ou "Gaveta".

Contudo, em fins de 1987, a Secretaria de Planejamento e Orçamento (SPO), propôs que a Operação "Bertha" fosse executada. Em onze de novembro, junto do Plano Econômico para 1988, Dionisio Marenco fez a proposta.

Por intermédio do Presidente Daniel Ortega, o Governo tomou a decisão durante a primeira semana de dezembro. Primeiro, dois e três de janeiro foram os dias escolhidos para fazer a crucial mudança de moeda que iniciaria a reforma monetária.

Estabelecer a data mais adequada era determinante para a Operação, assim como proteger o seu segredo, já que dele dependia o êxito da mudança de moeda e do conjunto de medidas.

Caso vazasse informação sobre a data, os "contras" e os especuladores estariam prevenidos e fariam tudo a seu alcance para desfazerem-se dos antigos córdobas, que nesse momento se converteriam em brasas ardentes, e dos quais teriam que livrar-se o quanto antes.

Porém as tradicionais férias de fim-de-ano impediram a concretização da Operação e protelou-se por mais alguns dias. No começo de dezembro de 1987, apenas umas vinte pessoas conheciam a existência da Operação "Bertha", mas nenhuma delas sabia a data da execução, até que em seis de janeiro de 1988, camuflada entre ouro, incenso e mirra, os Reis Magos acenaram com o sinal verde.

Regra de ouro

Somente souberam aqueles que teriam que saber. Como na clandestinidade, essa foi a regra de ouro. Ninguém sabia mais do que deveria saber.

A Operação começou a mostrar-se em seis de janeiro, quando mais e mais pessoas, como numa sucessão de blocos que se multiplicavam geometricamente, foram adentrando no segredo, aumentando assim os riscos, as possibilidades de uma infiltração, de uma indiscrição ou de um inocente acidente que a pusesse em perigo.

Em 6 de janeiro chegou a ordem para a mobilização total, com vistas ao dia 15 de fevereiro. Em cinco semanas haveria que organizar 60 mil pessoas. Em tão escasso tempo deveriam preparar uma ação que envolvesse toda a nação. Era algo assim como fazer eleições presidenciais.

E começou a marcha contra o tempo e com ela o aumento insuportável da tensão no dia-a-dia.

Daniel Ortega, Henry Ruiz, Sergio Ramírez, Jaime Wheelock, Bayardo Arce e Dionisio Marenco estiveram à frente da Operação "Bertha".

Ramírez encabeçou o aspecto financeiro-operativo; Wheelock o econômico e Arce o apoio político e propagandístico.

Marenco coordenou uma equipe que trabalharia com os cálculos econômicos.

Dois sub-grupos se formaram na área financeiro-operativa: um era dirigido pelo Vice-Ministro do Interior, René Vivas e pelo Vice-Presidente do Banco Central, Roberto Gutiérrez. O outro,

coordenado pelo Presidente do Banco Central, Joaquín Cuadra.

No primeiro sub-grupo estava Javier Bone, um dos que começou a trabalhar desde 1983. Outro dos "Velhos" era o Capitão Charles Quintana, do MINT. Com eles trabalharam os jovens banqueiros Marcelo Mayorga e José Félix Padilla.

Os aspectos técnico-legais foram examinados pelo segundo subgrupo, a que se incorporaram Carlos Matus e Horacio Arguello, ambos especialistas do Banco Central.

Na equipe econômica criaram-se também dois subgrupos; Ligia Elizondo, Vice-Ministra da SPP chefiava um, e integravam-no Gilberto Guzmán, María Segovia, Danilo Salinas, Luís Camacho, Rosa Argentina Quezada e Arturo Grigsby.

O outro foi dirigido pelo Ministro das Finanças, William Hüpper e era formado por Gerardo Baltodano, Omar Shible, Francisco Mena, Noel Buitrago e Donald Morales.

Em onze de janeiro constituiu-se uma equipe, chefiada por Dionisio Marenco, para fazer os cálculos macroeconômicos, integrada pelos Ministros do Trabalho, Comércio Interior, Finanças e Indústria (Benedicto Meneses, Ramón Cabrales, William Hüpper e Emilio Baltodano) e os Vice-Ministros do MIDINRA e da SPP, Salvador Mayorga e Ligia Elizondo.

Todos eles concentraram-se em várias casas secretas, de onde prepararam o que haveria de conduzir à *segunda-feira negra* dos "contras" e dos especuladores.

A montagem

O grupo criador da Operação "Bertha", proposta em novembro de 1984, havia trabalhado secretamente num pequeno escritório situado na casa do Comandante Henry Ruiz.

Como a equipe ia crescendo, houve um momento em que o escritório ficou pequeno, e alugaram uma casa localizada nos arredores, ali mesmo em Los Robles, convertendo-se no centro daquilo que se avizinhava.

Para esta casa transferiram toda a documentação que até então havia se acumulado. Ali estavam os trabalhos realizados em 1982 pelos pioneiros da Operação "Bertha", assim como o projeto já elaborado, apresentado no final de 1984.

Havia até uma análise sobre oito mil empregados bancários, que sugeria inclusive, com nomes e sobrenomes, aqueles que seriam os chefes dos postos de Câmbio. Também havia um documento sobre a propaganda a se realizar, elaborado anos antes por Gioconda Belli.

A toda esta informação tiveram acesso as respectivas equipes criadas para a execução da Operação "Bertha" em 1988, só que nem todos podiam trabalhar na mesma casa.

A maioria delas não conhecia totalmente a Operação, pois só planejavam os aspectos técnicos do campo para os quais foram chamados a trabalhar.

Trabalharam semiconcentrados até três semanas, porém em lugares distintos, cada qual no seu, de modo que não sabiam que outros companheiros avançavam em outras questões.

O grupo financeiro-operativo isolou-se completamente numa casa no bairro de El Planetarium, que conseguiu, sem saber para quê, Juanita Bermúdez, assistente de Sergio Ramírez.

Os dois subgrupos técnicos que examinaram as questões microeconômicas estabeleceram seu quartel-general numa casa no novo bairro Monserrat.

A última equipe a ser criada foi a de propaganda, que sob a chefia do Diretor de BARRICADA, Carlos Fernando Chamorro, foi integrada pelos diretores da CORADEP, o SSTV e a Voz, Bosco Parrales, Iván García e Carlos Guadamuz, assim como Gioconda Belli, pelo Sistema Nacional de Publicidade e Margarita Susan, pela área de Audiovisuais do MINT.

Mesmo separados, mas sob um só fio condutor, paralelamente eram trabalhados os aspectos macro e microeconômicos, logísticos, jurídicos e propagandísticos, cada qual em seu canto e convertidos em uma tumba.

A cargo do Vice-Presidente, Sergio Ramírez, auxiliado por Luís Enrique Figueroa, funcionou em outra casa de Los Robles, o Posto de Comando da Operação "Bertha". Ali foram habilitadas seis linhas telefônicas. Pioneiro da Operação junto com o Comandante Ruiz, Figueroa foi chamado de seu atual cargo de Embaixador da Nicarágua em Cuba, para coordenar o Posto de Comando na trama final.

Todas as equipes — criadas formalmente em oito de janeiro, com exceção daquela da propaganda, que foi em 30 —, estavam prontas para executar o plano.

A equipe macroeconômica analisou os aspectos gerais das medidas a adotar, como por exemplo os cálculos sobre o volume monetário circulante que devia ser retirado das ruas, o impacto das ações nos setores, sobretudo no campesinato e os efeitos da unificação da taxa de Câmbio nas importações e exportações.

Os computadores de Monserrat

Os subgrupos técnicos microeconômicos estudaram a questão dos preços dos salários e a política de abastecimento, assim como os aspectos monetários fiscais.

Todo esse trabalho não partiu do zero, pois contou com as sólidas bases herdadas pelos pioneiros da Operação "Bertha", que haviam sido enriquecidas cada vez que o projeto era desengavetado.

O cálculo de preços, salários e abastecimento requereu um trabalho particularmente árduo. Para determinar um preço era necessário revisar uma longuíssima cadeia de outros preços. Cada preço tinha outro preço, como num interminável jogo de espelhos que prolongava eternamente os números.

Ligia Elizondo, que encabeçou este grupo, assegura que esse trabalho não seria possível há dois anos, porque naquela época não tinham à mão os três computadores que tanto ajudaram na realização das operações quase infinitas nesta casa de Monserrat.

Ademais, faziam os cálculos sem dispor da informação precisa dos setores em estudo, porque tudo isto se realizava em cada compartimento. Não era possível ir, por exemplo, ao Ministro do INE

e pedir-lhe toda a informação sobre os custos de produção de energia elétrica, sem evitar revelar o objeto da solicitação.

Laboratório de cálculo

Então, o trabalho foi feito em condições de laboratório. Seria mais tarde, quando faltavam apenas alguns dias e, em vários casos, algumas horas, que consultaram diretamente o setor e compararam os preços obtidos no laboratório. Os resultados da comparação foram satisfatórios.

Os trabalhos para determinar o preço das divisas para calcular o dos combustíveis e logo o dos custos de produção dos produtos de exportação, para cair depois no preço da cesta básica e posteriormente na elaboração de uma tarifa salarial, requereu uma grande concentração, uma paciência chinesa, de horas e horas de cálculos, e de muito bom-humor para amenizar a tensão natural.

A equipe determinou como sendo cem os preços, e o trabalho todavia continuava.

Em fins de janeiro os dois grupos entregaram um documento conjunto, que examinou o grupo econômico do Comandante Jaime Wheelock e que finalmente o Presidente Ortega aprovou. A equipe jurídica também apresentou um pacote de doze leis que constituiriam a base legal do conjunto de medidas.

Paralelamente eram determinadas as questões operativas: locais de troca, pessoal, transporte, alimentação, número de famílias, unidades econômicas, formulários instrutivos, organização de capacitação, disposição do armazém central, seleção de quadros e muitas outras tarefas mais. E, logicamente, estavam os aspectos de segurança e o traslado do dinheiro para todo o país. Tudo foi elaborado detalhadamente e levado aos chefes de equipe, discutido no Estado Maior da Operação "Bertha" e aprovado pelo Presidente Ortega em nome do Governo.

As triades

Em 23 de janeiro a Operação chega a um ponto em que não era mais possível dar um passo atrás. Para esse dia foram convocados ao Centro de Convenções Olof Palme as três principais autoridades das regiões: o Delegado do Governo, o Chefe do EPS e o Chefe do MINT.

As nove "triades" das seis regiões e as três zonas especiais escutaram estupefatos — depois de haver prestado e assinado o juramento — as primeiras notícias sobre a Operação "Bertha".

Mais surpreendidos ainda ficaram quando receberam um dossiê com toda a informação necessária, que incluía o número de postos de Câmbio que havia em seus domínios e inclusive sugeria-se até locais específicos. Todos os aspectos operativos, financeiros, logísticos e jurídicos estavam detalhados.

Tinham quinze dias para confrontar o plano com suas respectivas realidades. Deviam ir a suas regiões e zonas especiais e aperfeiçoá-lo em todo o terreno. Em seis de fevereiro deviam voltar a Manágua, com tudo já ajustado, as "triades" das Regiões VI, V e I; no dia seguinte, as Regiões III, II e IV; e no dia

oito de fevereiro, as três zonas especiais.

As "tríades" regressaram a Manágua com seus planos já "aterizados" e fizeram suas exposições numa casa de Los Robles, onde Sergio Ramirez escutou-os. Quando eles falaram em seus respectivos lugares, tudo estava pronto para 15 de fevereiro, a grande **segunda-feira negra** que os depararia com os "contras" e os especuladores.

A propaganda

Desde esse momento supôs-se que a Operação "Bertha" não podia deter-se. O grande mecanismo estava em seu deslance.

Alguns dias antes, em 30 de janeiro, foi ativada a última equipe, a da propaganda, que se entricheou no local de Audiosuavis do MINT, onde, depois de árduas tentativas, saíram os seguintes conceitos: "*Vamos trocar*" e "*Córdobas novos, dinheiro que vale*", que finalmente permaneceram "*Todos a trocar*" e "*Córdobas novos, estes sim valem*".

Diante das trocas radicais que estabelecia a Operação "Bertha", a propaganda devia ser sumamente cuidadosa. Um erro poderia alimentar o pânico, em momentos em que se precisava de maior calma e tranquilidade, de otimismo e confiança.

Pouco a pouco a Operação "Bertha" tomava forma. Avizinhava-se o momento da capacitação e com ele a entrada de centenas de pessoas na Operação. O perigo aumentava e a tensão também. Aqueles que sabiam o segredo dependiam do que diziam os meios de difusão de massa e estavam alertas.

Mobilização Andrés Castro

Milhares de pessoas teriam que ser mobilizadas para atender nos postos de Câmbio. Como camuflar o estrondoso ruído que produz o movimento de sessenta mil almas? Era como passar clandestinamente um exército pelo Canal do Panamá.

Como enviar alguém para cumprir uma tarefa sem que este saiba o que vai fazer? Como justificar a ausência de vários dias perante os familiares, esposa, filhos, marido, noiva, mãe, avó, tio, primos, amigos, vizinhança?

Era como esvaziar de pessoas a cidade de Matagalpa e fazer com que o resto do país não se desse conta.

Depois das exposições das "tríades", foi convocado o Gabinete do Governo. Na terça-feira, nove de fevereiro, o Presidente da República pediu a todos os Ministros de Estado que colaborassem numa mobilização que se efetuariaria nos próximos dias e que levaria o nome de Andrés Castro.

Havia praticamente começado a fase mais delicada de toda a Operação "Bertha". A partir dessa reunião do Gabinete, milhares de mulheres e homens seriam chamados a participar de uma misteriosa mobilização supostamente militar, cujo verdadeiro objetivo somente saberiam no último momento.

A impressão gráfica

Enquanto o Gabinete do Governo estava reunido, os Comandantes Bayardo Arce e Samuel Santos, cumprindo uma orientação da Presidência, chegaram ao Centro de Publicações de Avanzada

Los Muchachos S.A. (CPALMUSA), onde uns vinte trabalhadores, em sua maioria impressores, aguardavam impacientes.

Para o resto do pessoal a empresa havia fechado indefinidamente, ante os constantes cortes no consumo de energia elétrica. Foram convocados secretamente vinte selecionados e também em segredo regressaram à empresa nessa terça-feira.

Depois de prestarem juramento, Arce lhes revelou o segredo de Estado, explicando-lhes detalhadamente a Operação "Bertha" e fazendo-os ver a tremenda importância do trabalho que realizariam.

Aqueles homens e mulheres tiveram a surpresa de sua vida. Entenderam que aquele momento era histórico e empreenderam a tarefa com um entusiasmo inusitado.

Com breves descansos, trabalharam dia e noite desde esta terça-feira, até que chegaram exaustos, porém orgulhosamente satisfeitos, às primeiras horas do Dia dos Namorados, domingo, 14.

Uriel Solis Cordero, Bernardo Romero Cortés e Silvio Gallo Vargas, são três dessa equipe que com tanto amor prepararam o material para a terrível emboscada aos "contras" e aos especuladores.

Imprimiram meio milhão de folhetos dobráveis, que explicavam por quê e para quê trocar a moeda; dois mil cartazes de identificação dos Postos de Câmbio; doze mil e quinhentos panfletos sobre preços e salários; seis mil e quinhentos panfletos que diziam "*Todos a trocar*" e "*Córdobas novos, estes sim valem*", e mais vinte e nove mil outros.

Os multiplicadores

Nessa terça-feira, nove de fevereiro, ocorreu também outro fato determinante para a Operação "Bertha". De todos os recantos do país vieram a Manágua, em segredo, sem saber absolutamente nada de nada, trezentas pessoas.

Ao entardecer foram internadas na Escola Nacional de Ordem Interna (ENOI) Walter Mendoza e na quarta-feira pela manhã emudeceram diante das novas que lhes anunciaram.

Ninguém mais soube o que ocorria na Escola e essas trezentas pessoas converteram-se na primeira parte do pessoal dos Postos de Câmbio a serem preparadas para realizar a conversão da moeda.

Com estas trezentas pessoas, a Operação "Bertha" abriu-se demasiadamente, mas todos aqueles que iam entrando defendiam o segredo. Quando na quarta-feira, dez de fevereiro, aquelas pessoas saíram da Walter Mendoza, o contingente da Operação começou a ampliar-se aos milhares, porque esse grupo multiplicador começaria na sexta-feira a capacitação de mais cinco mil pessoas. Cada vez havia mais perigo.

É por isso que na sexta-feira e no sábado, doze de fevereiro, milhares e milhares são mobilizadas, entre elas muitos bancários. A maioria acreditou — porque isso lhes disseram — que iam para as zonas de guerra.

Com suas mochilas e apreensões, subiram em caminhões que trafegaram pela Rodovia Norte até chegar perto de Portozuelo, no sentido claro das frentes de combate. Os mobilizados pergunta-

vam-se se seu destino era a Região I, a VI ou a V. Contudo e subitamente, os caminhões pararam e fizeram a volta, diante do desconcerto dos mobilizados, que foram conduzidos a diferentes locais de Manágua, para a capacitação, amanhecendo o Dia dos Namorados instalados em seus respectivos Postos de Câmbio.

Os glúteos

Os "contras" do jornal La Prensa caíram de cabeça e engoliram até o pescoço o engodo da mobilização militar. Durante vários dias publicaram aquela burla da mobilização, falaram de um estranho movimento entre o pessoal bancário e parecia que andavam quentes, quentes, mas estavam realmente frios, frios. Andavam totalmente perdidos.

Embora não com a magnitude do embuste com que BARRICADA pegou-o, novamente o jornal da CIA foi a única vítima, quando mordeu glotonamente a isca da famosa cédula de 500 mil córdobas que nunca apareceu.

Na manhã de quinta-feira, onze de fevereiro, BARRICADA anunciou a emissão, a partir de 15 de fevereiro, da nova cédula "resselada em sua denominação original de mil, da série "G", de número 163750001 em diante..."

Nesse mesmo dia, à noite, La Prensa estampou a seguinte manchete para as suas oito colunas: "*Lançam cédulas de C\$ 500.000*", com o subtítulo: "*Piora o desastre monetário e fiscal*".

A cartada de proteção da Operação "Bertha" cumpriu seu objetivo. A camuflagem continuou com o anúncio de manobras militares do EPS "*no centro urbano, municípios e zonas rurais de Manágua*".

Nesses dias de nervos crispados, de desvelos e privações de todo tipo, a maioria dos integrantes das equipes que trabalhavam com afinco na montagem da Operação, não sabiam que as novas cédulas já estavam na Nicarágua.

Ligia Elizondo não se agüentou e um dia externou a preocupação que a atormentava:

— Bem, Marengo (Dionisio), estamos loucos, tudo já está pronto, mas, e as cédulas?

Nicho, morrendo de rir, contestou-a: — Não, menina, as cédulas estão aqui já há dois anos.

Os ajustes finais de toda a programação clandestina.

O momento mais perigoso e... o desenlace vitorioso.

Os egípcios

Chamaram-nos "Os Egípcios". Eram 60 homens e mulheres, todos escolhidos, do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e do Ministério do Interior (MINT), que introduziram-se no que seria o Depósito Central da Operação "Bertha", em 29 de janeiro.

Desde 1984 havia sido escolhido o local. Era o depósito do Banco Nacional de Desenvolvimento (BND), localizado entre o Cinema Margot e o Lago. Após revisar vários lugares, o Comandante René Vivas concluiu que este continuava sendo o local apropriado.

Consertaram o sistema elétrico, acondicionaram serviços higiênicos e chuveiros e colocaram beliches de dois andares, com seus respectivos colchões,

lençóis e almofadas. Tudo ficou pronto em 20 de janeiro.

O pessoal foi transferido para o depósito junto a todo o dinheiro, bolsas, sacos, caixas, encerados, formulários, propaganda impressa, almofadas, grampos, clips, tinta e tudo o que seria necessário para um Posto de Câmbio. Estava tudo ali, naquela espaçosa superfície, que se assemelhava a quatro quadras de basquete juntas.

As cédulas estavam numa casa abandonada, convertida depois num esconderijo inexpugnável. Suas janelas, portas, clarabóias e outros acessos foram tapados com sólidos blocos de pedra e cimento e alguns pontos foram reforçados com barras de ferro. O único acesso estava fechado por uma porta de ferro blindado.

No quilômetro 12,5 da Rodovia Sul está a Escola Walter Mendoza e em suas dependências está a casa convertida em sepulcro.

A trinta metros, a noroeste da casa murada, construíram uma guarita e colocaram um guarda permanente que supostamente vigiava o local de tiro da Escola. Ao observar esse ponto, forçosamente o guarda tinha que vigiar a casa, embora não soubesse de nada.

Até lá chegaram os caminhões, e quando o último maço de cédulas entrou no esconderijo, a porta de ferro foi fechada com dificuldade. Somente uma chave podia abri-la e dessa René Vivas, responsável por toda aquela Operação, jamais descuidou-se.

Prevedendo problemas que pudessem surgir por deteriorações elétricas ou goteiras, a casa era periodicamente inspecionada. Apareciam até visitas imprevistas: o Comandante Henry Ruiz e uma vez o Presidente Ortega.

Uma emergência

Aconteceu o inesperado: o sepulcro impenetrável foi atacado pelas traças. Não foi uma invasão das pequenas mariposas noturnas, mas de suas larvas, aquelas que fazem uma espécie de casulo e que para fazê-lo destroem o material onde se aninham... Aninhavam-se nada menos do que nas bolsas de papel onde estavam as cédulas.

Como é muito porosa a superfície do ladrilho da casa, apareceu uma umidade inconveniente. Por isso, repentinamente surgiu esse perigo inesperado.

Um grupo de pessoas retirou a preciosa carga escondida. As bolsas de cédulas foram esparramadas numa área de quarenta metros quadrados, fora da casa. Parecia um terreiro onde seca-se o café. Ali inspecionaram bolsa por bolsa, retirando aquela que estivesse contaminada.

Recobriram o chão com palhetas de madeira para isolar as cédulas da umidade. Os danos foram mínimos e foi feita uma fumigação. Conseguiram alguns líquidos raros para que ela fosse feita com o inseticida adequado, já que a substância que se utilizasse poderia alterar a composição química das cédulas, inutilizando-as.

Consultaram na RDA aos fabricantes das cédulas e estes recomendaram os Químicos. Só assim iniciaram a fumigação. Um dos fumigadores era o especialista da Secretaria de Planejamento e Previdência (SSP), Omar Shible, que pela inexperiência quase morreu envenenado.

Em 28 de janeiro de 1988, às vésperas da execução da Operação "Bertha", uma parte dos "Egípcios" veio a esta casa para transportar o dinheiro até o escritório central. Quando começaram a manusear as cédulas, descobriram que elas não estavam ordenadas em série, como deveriam estar.

Ocorreu que, um ano atrás, quando foi detectada a larva da traça e as cédulas foram transferidas, tiveram o cuidado de ordená-las por denominação. Quer dizer, por exemplo, todas as cédulas de mil juntas. No entanto, como não eram bancários, não lhes ocorreu que deveriam estar em série.

As moedas

Só até que todas as cédulas ficassem em suas respectivas séries é que foram transportadas ao escritório central. Logo transportariam as moedas, que estavam nos sótãos do Edifício Silvio Mayorga.

Essas moedas começaram a chegar à Nicarágua aproximadamente um ano depois das cédulas. Inicialmente não estava prevista sua fabricação, pois a desmonetização resolvida em 1984 sugeria que continuassem circulando as moedas existentes.

A situação mudou e René Vivas e Javier Bone viajaram para a RDA, a fim de assinar o contrato de fabricação de 680 toneladas de moedas. Três viagens conduziram a carga até Corinto e foi necessário realizar mais três vezes a mesma misteriosa e estritamente dividida operação de transferência que fizeram com as cédulas.

Eram caixas de 40 e 60 quilos. Aqueles que faziam a descarga e a transferência escutavam os sons metálicos das moedas, mas ... quem iria imaginar que eram moedas?

Todas as caixas, milhares e milhares de caixas, vinham marcadas com pontinhos coloridos. Assim, as vermelhas eram de dez centavos e as amarelas de cinco.

A "doação" de Tomás

Como o sepulcro do doze e meio da Rodovia Sul estava cheio, Vivas decidiu escondê-las no próprio Ministério do Interior. Ocupou os sótãos do Edifício Silvio Mayorga e ali colocaram a interminável quantidade de caixas.

A entrada para o sótão, pelas escadas, foi fechada por uma porta cuja única chave Vivas possuía. No MINT tudo é compartimentado, mas este compartimento das moedas era algo assim como ultra-secreto.

Os caminhões que transportaram as moedas chegavam à noite ao estacionamento do Edifício. Lá ficavam os grandes caixotes em que vinham as caixas de 40 e 60 quilos. Esses caixotes foram vistos por dezenas de oficiais e soldados da instituição, e para eles era evidente que aquilo que alguma vez estivera naqueles recipientes, agora estava dentro do Edifício.

Então correu o boato de que havia chegado uma importante doação para o MINT e que o Ministro Tomás Borge estava pessoalmente envolvido com ela.

Em 29 de janeiro todo o dinheiro já estava no escritório central. "Os Egípcios" — chamados assim em alusão àqueles que construíram as famosas pirâmides africanas de dentro para fora — emergiram no local para não voltar a ver

o sol até 15 de fevereiro.

De acordo com o plano operativo, em cada Posto de Câmbio atenderiam de 450 a 480 famílias, estimando que para isso se necessitaria de 850 mil córdobas novos.

"Os Egípcios" armaram os módulos das cédulas, moedas e artigos de escritório para cada um dos mil 761 Postos de Câmbio e 290 Escritórios Bancários (OB), distribuídos em todo o país. Em 3 de fevereiro concluíram esta etapa.

Rolando Aráuz Duarte era o tesoureiro do Escritório Central e Byron Rayo Zeledón, o Fiscal. Ambos se mostraram merecedores da moeda de ouro que Daniel Ortega entregou aos trabalhadores que mais se destacaram na execução da Operação "Bertha".

Eles, junto ao Capitão Charles Quintana e outros oficiais do MINT, encabeçaram esse grupo de homens e mulheres que se encovaram como os cristãos das catacumbas de Roma, para fazer este trabalho vital.

Era a reta final. Desde a perspectiva operativa, tudo dependia deles. Colocar ordem no dinheiro de cada módulo era complicado. Cada Posto de Câmbio levava cinco pacotes de cem córdobas, quatro de 50, quatro de 20 e cinco de dez. Havia que romper quatro bolsas grandes que continham os pacotes de dinheiro para formar cada módulo.

Com as moedas era igual. Não havia forma de pegar as caixas seladas e juntá-las às cédulas. Tinha-se era que abri-las. Em cada módulo iam seis saquinhos de moedas de cinco córdobas, mas as caixas traziam oito.

Era uma operação minuciosa, feita depois de preparar os módulos para cada Posto de Câmbio e para o Escritório Bancário.

"Os Egípcios" organizaram tudo por Regiões e Zonas Especiais. Logo arrolavam o dinheiro para as casas matrizes e escritórios regionais dos bancos, para que estes estivessem prontos para funcionar com as novas unidades monetárias.

Transferência do dinheiro

Em doze de fevereiro, quando as primeiras 300 pessoas instruídas em fazer a troca de moedas se preparavam para multiplicar seu conhecimento, no escritório central começou a transferência do dinheiro até as Regiões mais distantes do país.

Nesse mesmo dia chegou aos "Egípcios" o primeiro pacote com os panfletos e outras publicações que se elaboravam clandestinamente no CPALMUSA e foram introduzidos em seus respectivos módulos.

Os Delegados do Governo e os Chefes do EPS e do MINT, nas Regiões onde há operações militares, já haviam preparado tudo. Por exemplo, a Direção Geral de Segurança do Estado (DGSE), manteve vigilância estrita sobre aquelas pessoas suspeitas, entre as quais havia mensageiros e simpatizantes dos "contras".

Um dispositivo especial de proteção nas rodovias foi desenvolvido em horas, de madrugada, e milhares de soldados mobilizaram-se para a segurança das compridas caravanas que transportaram o dinheiro, por exemplo, a Wiwilí, El Cuá e San José de Bocay, em Jinotega ou em Matiguas e Rio Blanco ou Matagalpa.

Era o momento final. As horas mais difíceis. No dia seguinte, sábado, treze de fevereiro, começou a capacitação do terceiro grupo, fazendo com que aqueles incluídos na Operação "Bertha" ascendessem a dezenas de milhares.

Dois dias antes, o Comandante Jaime Wheelock, Dionisio Marengo, Ramón Cabrales, Emilio Baltodano e William Hüpper, fizeram a revisão final do documento econômico. No entanto, faltava ainda confrontar os setores respectivos, os preços calculados em condições de laboratório.

Ajustes finais

Às três da tarde da sexta-feira, doze de fevereiro, fez-se a relação de preços com o Ministro do INE, Emilio Rappaciolli. Este não acreditava no que via. "Quais córdobas novos?", perguntava. Depois foi com William Ramírez para determinar os preços do transporte.

No domingo, dia 14, pela manhã, ainda havia vários Ministros que não sabiam de nada do que ocorreria apenas horas depois.

Às oito da manhã de sábado, dia 13, reuniram uns setenta jornalistas e trabalhadores da área de Comunicação. Prestaram juramento a Sergio Ramírez, que começou dizendo que seria revelado um segredo de Estado.

Iniciou então um Seminário, que era crucial para a comunicação a respeito da troca de moeda e da reforma monetária. Rádio, imprensa escrita, televisão, publicidade e propaganda direta combinaram-se com um sistema de comunicação para informar e orientar sobre a execução da Operação "Bertha".

Nesse Seminário terminou-se de desenhar o que seria a cadeia nacional de rádio e televisão que acompanharia todo o processo da troca de moeda, inclusive dezoito horas antes de abrirem os Postos de Câmbio.

Jornalistas, publicitários, analistas, sociólogos, advogados, economistas, psicólogos e comunicadores juntaram-se em redor dos meios de difusão de massa para explicar ao povo a reforma monetária.

Hora chave

Enquanto estávamos no Seminário, cumpria-se uma hora chave, ao meio-dia de sábado, 13 de fevereiro. Nessa hora todos os bancos do país encerram normalmente suas operações semanais.

Havia se chegado a essa hora sem que a Operação sofresse qualquer infiltração. Isto foi celebrado pelos "conspiradores". No entanto o Governo decidiu manter o segredo, já que pelo contrário se produziriam graves prejuízos.

Por se haver revelado o segredo no sábado à tarde, os "contras" e os especuladores tiveram mais tempo para tentar "lavar" os córdobas velhos que tinham acima do teto de dez milhões estabelecido para a troca. Ademais, a incerteza havia afetado as transações nos mercados e outros centros comerciais no domingo.

Segundo Sergio Ramírez, estabelecer o teto de dez milhões foi uma decisão eminentemente política, que buscava não prejudicar alguns setores da população, principalmente os camponeses. Segundo os primeiros dados da operação de troca de moeda, somente 0,07

por cento das famílias trocaram até dez milhões de córdobas.

O Estado-Maior da Operação "Bertha" realizou no sábado uma monitoração que o levou a concluir que não se havia produzido nenhuma infiltração. A sorte estava lançada.

Ao meio-dia de domingo, 14 de fevereiro, terminou o Seminário dos jornalistas. Uma hora antes, às onze da manhã, o Presidente Ortega comunicava a decisão ao Gabinete do Governo ampliado.

Essa mensagem de Daniel foi gravada e é a que a Nação escutou ou viu nessa tarde, às três horas, e na qual o segredo deixou de existir.

No domingo, Dia dos Namorados, as pessoas que trabalhavam na Operação "Bertha" respiraram aliviadas, porque o êxito da Operação estava assegurado. Só que a alegria que isso produziu teve que coexistir com a dor, que para muitos representou a morte, nessa manhã, de Nora Astorga, declarada heroína da Revolução.

Entretanto, em algum ponto da Nicarágua, o encarregado de negócios (AI) da Embaixada norte-americana em Manágua, John P. Moderno não se inteirava de nada.

Jamais pensou que o nome "Bertha" andava soando há tempos em muitas comunicações telefônicas. Os "conspiradores" também diziam "A Senhora", ao referir-se à Operação.

Ele nunca soube de nada. Não soube do desembarque das cédulas e nem daqueles três outros das moedas. Não soube da mobilização de 60 mil homens.

Em Langley ter-lhe-ão contado até dez, sem que John P. Moderno lograsse incorporar-se, porque ele, cujo verdadeiro cargo é o de chefe da estação da CIA em Manágua, não soube que já se estava executando a Operação "Bertha".

Alguém filtrou um documento segredo

Enquanto "Os Egípcios" finalizavam a três de fevereiro a primeira parte de seu trabalho, nesse mesmo dia acontecia algo que poria em perigo a Operação "Bertha".

Empregados do Ministério do Comércio Interior (MICOIN) saíram para sondar o mercado privado, como acontece fazê-lo para medir a situação dos preços e para comprar quando encontram ofertas aceitáveis.

Nesse dia, 3 de fevereiro, chegaram até um importador, em cujo estabelecimento encontraram produtos a preço baixo, que o MICOIN poderia vender posteriormente em seus canais garantidos para a população ou em suas barracas de luxo, para os setores de maior poder aquisitivo.

Grande surpresa tiveram os empregados quando o importador lhes disse que não lhes venderia porque sabia que algo estava acontecendo, que estava inteirado de tudo e que se lhes vendesse sairia perdendo.

Eles — que não sabiam absolutamente nada da Operação "Bertha" — discutiram com o comerciante e não pensaram muito no que este dizia, mas ele, talvez porque conhecesse um dos seus interlocutores ou por jactar-se de saber tudo, mostrou um documento como prova de que tinha razão.

(continua na página seguinte)

(continuação da página anterior)

Operação "Bertha"

Os funcionários do MICOIN estavam desconcertados. Pegaram o documento e regressaram a sua repartição, onde fizeram chegar ao Ministro Ramón Cabrales, que imediatamente comunicou a René Vivas.

Este falou com o importador, fazendo-o ver que não convinha à economia nacional propagar versões que estimu-

lassem a especulação; sem dar muita importância ao documento, lhe sugeriu que este até poderia ser algo preparado pelos inimigos da Revolução para causar mal-estar entre os comerciantes.

O importador reagiu positivamente. Deixaram-no ir, como se nada houvera. Este informou imediatamente o sucedido à pessoa que lhe havia facilitado o documento.

Ela era secretária de uma funcionária governamental, envolvida no setor

econômico da Operação "Bertha". Ao arrumar a pequena maleta desta — como fazia habitualmente —, tocou com o documento que, embora falasse parcialmente da Operação, tinha uma linha escrita que dizia mais ou menos o seguinte: "Se procederá a fazer uma troca de moeda, dividindo-a por mil, segundo anexo."

Acreditando proteger o importador, a moça fotocopiou primorosamente o documento e entregou-o a ele. Essa seria apenas a segunda có-

pia, porque realmente só existia um original e estava nas mãos do Ministro Dionisio Marengo.

Tampouco com a moça tomaram medidas drásticas, mas asseguraram-se de tê-la à vista. Os funcionários do MICOIN — que no trajeto de volta ao escritório puderam ler o documento — foram enviados para ajudar "Os Egípcios".

A descomunal indiscreção, que poderia ter tido consequências catastróficas, não resultou em nada.

ASSINE ASSINE ASSINE ASSIN SINE ASSINE ASSINE ASSINE

Enviar cheque ou vale postal, ou deposite em qualquer agência do Banco Bradesco, para a agência Santos Dumont, conta nº: 0469-3/073614-7, em nome de Panorama Noticioso Ltda., e mande o recibo com o cupom preenchido.

Av. Franklin Roosevelt, 39, Sala 418. Rio de Janeiro. Tel.: 262-6299. CEP: 20.021

Assinatura Anual
Brasil: Cz\$ 950,00
África: US\$ 25,00

Exemplar atrasado Cz\$ 200,00

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

Estado _____

CEP _____



*Queremos colaborar com
Barricada Internacional
com o aporte
solidário de _____ Cruzados (ou dólar),*

porque _____

Somos (sou) _____

Enviar este cupom com seu cheque a "Barricada Internacional" em português, Av. Franklin Roosevelt, 39, Sala 418 CEP: 20.021 - Tel.: 262-6299 - Rio de Janeiro - RJ

NOSSAS MELHORES ARMAS NA LUTA IDEOLÓGICA

Devido às características particulares do processo revolucionário da Nicarágua, e ao próprio contorno geopolítico do país, nos cabe viver em seus extremos mais dramáticos um paradoxo único: o de uma nação agredida de maneira sistemática no plano militar, político, econômico e diplomático, que faz possível um espaço interno para que o agressor procure desde dentro como o faz com as armas desde fora — destruir as instituições democráticas e apressar-se a substituí-las, num frenesi de violência ideológica e política por um projeto contra-revolucionário e retrógrado, alheio e contraditório aos interesses nacionais.

Se se tratasse de uma baderna política, sem as conexões mais que óbvias que diariamente exibe um projeto militar que dirigido pelo governo dos Estados Unidos pretende a derrocada do governo revolucionário e a eliminação radical da Frente Sandinista de Libertação Nacional, para substituir as armas do povo pelas armas mercenárias, seus contornos seriam de simples pantomina; mas o sangue, a destruição e o sacrifício diário de milhares de nicaraguenses para defender a soberania do país e as conquistas populares, dão a esse empenho grosseiro e sistemático o caráter de um crime e é preciso desmascarar quem incentiva essa campanha como co-autor e cúmplice em primeiro grau desse crime.

Eles são os mesmos, mas o povo não

A velha e degradada direita que abriu seus salões à corte de mercenários de William Walker, que homenageou em festas dançantes os oficiais de Marinha que assassinaram Benjamín Zeledón, que firmava abaixo assinados de apoio às hordas invasoras que depredavam cemitérios enquanto Sandino os enfrentava nas montanhas de Las Segóvias, e que repartiram os melhores pratos em seu banquete de cinquenta anos com a família Somoza, não trocaram suas máscaras complacentes com o poder imperial e adornadas de desprezo para os humildes. São os mesmos embora talvez um tanto mais medíocres porque também a augusta oligarquia aprendeu a usar seus filhos de casa embora sem deixar de olhá-los por cima do ombro. O poder imperial é o mesmo, tratando de cravar sua garra na

Discurso do Dr. Sérgio Ramírez Mercado, Vice-Presidente da República, no VII Congresso e Décimo Aniversário de Fundação da União de Jornalistas da Nicarágua (UPN).

carne da Nicarágua. Mas — e eis aqui uma simples mas definitiva diferença — o povo não é o mesmo porque se enfrenta agora os velhos desígnios desde o poder que lhes arrebatou e agora defende.

A extrema direita na Nicarágua — estamos falando do diário "La Prensa", dos horários de notícias radiofônicas alugados pelos caciques, das emissoras contra-revolucionárias que transmitem desde Honduras, El Salvador e Costa Rica, únicos territórios que alguma vez conquistaram nesta guerra; e estamos falando das câmaras patronais do COSEP, dos partidos de mesa de pôquer, dos partidos da esquerda obscura — uma vez que deixou de ser esquerda iluminada — utiliza o espaço democrático para proclamar seus objetivos, que são os mesmos objetivos da Administração Reagan: a derrota militar da Revolução para restabelecer uma velha ordem, uma ordem reacionária, que devolva o país ao curral dos Estados Unidos, e restitua lhes seus antigos privilégios, garantidos pelo mesmo poder dos Estados Unidos e pelas armas da Guarda Nacional.

Os objetivos do discurso político direitista

Para empurrar a chegada deste momento, todas as suas posições, seu discurso político, os extremos de sua campanha ideológica, se concentram em conseguir:

- a neutralização, e talvez o imediato desmantelamento da capacidade de defesa militar da Revolução e de todos os instrumentos do poder revolucionário;
- dividir a sociedade, para criar um sentimento de insubordinação e retrocesso que faça desaparecer o consenso nacional, deslegitimando a autoridade governamental e provocando a desobediência, até das leis de trânsito; se não fosse tão perigoso, não respeitariam nem a luz vermelha dos sinais;
- desmobilizar a população de todas as tarefas de defesa militar e econômica para facilitar a entrada triunfante em Manágua dos "paladinos da liberdade";
- criar um estado psicológico de insurreição nos setores populares camponeses, traba-



lhadores, artesãos, tratando de reproduzir — e eis aqui o mais torpe de seus sonhos — a situação de violência popular que precedeu a derrubada da ditadura somozista;

e) prestigiar as forças mercenárias, e seus dirigentes, como uma alternativa legítima de mudança, pois "se se viram obrigados a empunhar as armas é porque de uma ditadura passamos a outra, igualmente cruel e sanguinária, que é necessário derrubar".

Estamos, pois, e é necessário repeti-lo, frente a uma situação singular: nas sociedades pluralistas deste hemisfério os partidos políticos de oposição, os meios de imprensa contrários ao governo de turno, os questionamentos como governo, mas não buscam a destruição do sistema político, social e econômico pela via de desestabilização total. Isso se conhece sob o simples nome de *subversão*, e a subversão não tem espaço político. Unicamente na Nicarágua.

Portanto, é necessário dizer de maneira clara: a extrema direita utiliza na Nicarágua o espaço do pluralismo político para abrir um flanco de terrorismo ideológico que é parte da estratégia terrorista global de uma potência estrangeira, os Estados Unidos, em guerra contra a Nicarágua. Eis aqui o paradoxo.

E é essa política global dos Estados Unidos, cujo governo proclamou que o regime estabelecido na Nicarágua é irreconciliável com seus próprios interesses estratégicos, a que uma vez mais, como no passado, polariza a direita da Nicarágua e seus instrumentos de propaganda; e a falsidade, o exagero, a intransigência são o combustível, altamente infla-

mável, que a Administração Reagan utiliza para tratar de insuflar a oposição de direita, pois nenhuma outra coisa melhor poderia ocorrer a um presidente norte-americano que jurou nos destruir, quando já se despede, que a subversão de direita seja respondida com repressão, e com o fechamento do espaço que irresponsavelmente desfrutava. Mas somos bons alunos da história, pacientes alunos da história. E se soubemos defender-nos com êxito inegável no terreno do desafio militar, numa guerra que já dura tantos anos, lutando notadamente contra o poder mais formidável do planeta, segundo seu próprio dizer; se travamos as mais brilhantes batalhas do que se recorda a história da diplomacia latino-americana, nossa obrigação, nosso dever, é não só nos defender, como tomar a iniciativa neste terreno da guerra ideológica.

A maquinação da mentira

Para estarmos atentos, é necessário que percorramos o enredo sobre o qual a extrema direita levanta seu aparato de enganos e mentiras contra a Revolução:

a) **A tração do projeto original:** o projeto original que os mesmos líderes da eterna direita foram defender em Caracas em julho de 1979; alugando um avião, e que ainda discutiam no Hotel Caracas Hilton quando o povo em armas entrou na Praça da Revolução, sem lhes haver dado aviso prévio de que a ditadura somozista se desmoronava diante os golpes das armas vitoriosas da Frente Sandinista, enquanto muitos deles ainda esparravam que fosse usada a faixa presidencial depositada nas mãos do Doutor Urcuyo Maliaños e despertavam com surpresa na manhã da Revolução, confiantes ainda nas eleições supervigiadas pelo Departamento de Estado, como em 1928;

b) **A Revolução entregue aos interesses da URSS, Cuba, Líbia:** porque em sua embolia política não podem conceber que um país pequeno e humilde possa viver sem a sombra protetora dos Estados Unidos.

Daí que em seu delírio ideológico percebam, como estocada no peito, a desnecessária e caprichosa confrontação que

nós, sandinistas, segundo suas conclusões, provocamos à-toa com os Estados Unidos;

c) **O projeto Totalitário, a confusão Estado-Exército — Partido:** ou seja, um povo armado, consciente, disciplinado, heróico, que defende sua pátria e seu projeto de mudança revolucionária, e a quem quiseram ver neutralizado, dividido, desarmado, inconsciente; um terrível totalitarismo que alcança as esferas da educação, da cultura, a ponto das crianças serem objeto de uma sistemática "lavagem cerebral" — não se exalta nas escolas Adolfo Díaz, José Maria Moncada e Emiliano Chamorro em sua categoria de heróis, e os poetas que querem publicar poesias de amor, que estão proibidas, têm que fazê-lo com pseudônimo para não serem vítimas da "odiosa repressão artística". (Li isto em revistas tão sérias como *Vuelta*, sob a assinatura do diretor de "La Prensa").

d) **O apoio popular à Revolução não existe:** o povo está contra a FSLN que só consegue governar com os tanques e blindados na rua assim foi reprimida a mais recente insurreição do povo de Monimbó nas ruas de Masaya segundo o título de oito colunas de "La Prensa": "**Blindados em Masaya**".

A direita leva milhares de manifestantes à rua em busca de pão e justiça, a FSLN leva amarrados os empregados públicos às praças: talvez agora a desmonetização consiga tirar alguns zeros das contas da direita quanto ao número de concorrentes em seus atos públicos.

Portanto, "um governo impopular, sem base de sustentação, cairá sozinho aos primeiros tiros disparados por uma força interventora ianque", segundo este permanente convite que se faz aos marines a iniciar o quanto antes seu passeio triunfal por nossas ruas.

e) **O governo revolucionário, suas instituições, estão desprovidos da mínima legitimidade.** Uma ditadura repressiva não pode ser legítima. A Constituição, não existe. A única legitimidade pertence à extrema direita, a seus partidos de mesa de pôquer. E o pluralismo somente é possível sem a Frente Sandinista. Não há outra forma viável de pluralismo.

f) **Daí à perfeita simetria entre a ditadura somozista e a ditadura sandinocomunista não há mais que um passo.** (Recordemos que quem começou a nos chamar de sandinocomunistas foi o diário "Nove-

dades"). Estamos no alvorecer de uma insurreição, como em 1978, sopra na orelha de seus correligionários o camarada Eli Altamirano, e eles, concordam. Quem se colocará à testa? Perguntam-lhes pessoas de autoridade em suas confabulações secretas. Essa é, precisamente, a pergunta.

As barricadas esperam ser levantadas, os fuzis de pederneira, as bombas de contato. Quem entre eles fará o primeiro disparo para levantar as massas?

g) **A lei do SMP é uma lei inútil:** porque o que se necessita é que a contra-revolução encontre um povo desarmado, e as tropas interventoras, mais desarmado ainda. Tampouco a Nicarágua tem direito a receber armas da União Soviética, nem munições nem equipamentos de guerra. Guerra então ao militarismo desmedido, ao afã expansionista da Nicarágua, que se arma é para ameaçar seus vizinhos e não para rechazar os mercenários que assassinam anciãos e crianças nas cooperativas, — que violam mulheres e destroem centros de saúde, escolas, torres de transmissão elétrica.

E como se trata de reproduzir os anos da repressão somozista anteriores ao triunfo, os **cárceres estão cheios de réus sem nome**, a tortura é sistemática, multiplicam-se os desaparecidos, se abrem valas para convertê-las em cárceres clandestinos, como as da Waslala e Rio Branco nos tempos da Guarda Nacional. Pena que os informes das Comissões internacionais de direitos humanos desfaçam com tanta precisão essas mentiras.

h) **Ao fim e ao cabo, se trata da guerra de um partido:** não da guerra de um povo que defende sua soberania. E se trata de uma guerra civil, não de uma guerra de agressão; o apoio ianque aos mercenários não existe, e se existe, está justificado: os Estados Unidos tem direito a restabelecer a democracia na Nicarágua, a democracia que desfrutaram durante cinquenta anos sob Somoza e a Guarda Nacional, banqueiros, latifundiários e comerciantes por atacado.

i) **O desastre econômico:** o caos financeiro, que se deve exclusivamente à obstinação da FSLN em implantar um sistema de economia controlada pelo Estado: não existe a economia mista, não existe a guerra de agressão, não existe o bloqueio econômico, não existe a destruição de recursos pelos bandos mercenários, não caem todos os dias os preços internacionais, não existe um processo mundial de inflação.

A única saída possível, receita o COSEP, é um sistema absoluto de livre empresa, o império irrestrito da lei de oferta e

procura para que prosperem as iniciativas individuais, a criatividade empresarial, e sobreviva o mais forte e pereçam os débeis na selva das oportunidades.

j) **E a inépcia, a incompetência para governar e dirigir a economia:** a corrupção, o esbanjamento, o desleixo. Assim era também a ditadura somozista, quando se repartia a corrupção, o esbanjamento, o desleixo com os impolutos dirigentes da cúpula do COSEP e seus congêneres donos dos bancos, dos mecanismos de agroexportação, das fontes de divisas, dos empréstimos com os bancos norte-americanos, da terra, cultivável.

E então, se antes aqui estava o paraíso porque Somoza foi como nenhum deles o guia da livre empresa, por que o povo se levantou em armas contra o reino das livres oportunidades? Porque desprezaram os nicaraguenses a prosperidade, o bem-estar, a justiça distributiva que era repartida às mãos cheias nos bananais, nas fazendas de algodão, nos latifúndios de café? Antes havia de tudo, as prateleiras dos supermercados estavam cheias, o salário mais ínfimo dava para um televisor a cores, refrigerador, carro próprio, o leite corria pelas ruas, não havia ninguém descalço, sobravam as escolas, tínhamos hospitais em demasia, e a classe operária, feliz com seus altos salários, confraternizava com a Guarda Nacional quando os patrões chamavam a repressão, e os protestos e as greves eram dissolvidos com carinhosas coronhadas.

O povo veste roupas novas

Mas o ódio visceral contra o povo e suas conquistas, a mentira desmedida, a falsidade tão óbvia e flagrante, o exagero atroz, a distorção descarada, o engano pueril, são — e eis aqui outro paradoxo útil — nossas melhores armas.

Já dizíamos que se algo mudou nestes anos, foi o povo. Entre os atores da velha tragédia, o único que veste roupas novas e não usa máscaras, é o povo.

Temos um povo que assistiu em todo este tempo à mais formidável escola de formação política que já se viu no continente. O homem da rua, o camponês nas cooperativas, o operário nas fábricas, nas oficinas, os milhares de jovens combatentes, as mulheres em todas as frentes de luta se graduaram com as melhores qualificações como especialistas de política interna, como sábios na política internacional. Sabemos até onde vamos, de onde

saímos, e o passo que devemos seguir. Essa é nossa melhor arma ideológica, e ao falsificar tão grosseiramente a realidade, a direita se engana a si mesma. Felizmente o contexto social da Nicarágua é o mesmo em que creí viver a direita, encurralada pela história. O país experimentou mudanças profundas e irreversíveis; a possibilidade de haver levado adiante essas mudanças, e a possibilidade de segui-las levando adiante para voltá-las cada vez mais irreversíveis, depende da vontade organizada do povo.

Impossível ignorar, se não por cegueira de nascença, que a estrutura vital da Nicarágua se alterou para sempre, e que se levar adiante semelhantes mudanças foi difícil para a Revolução na contradição de todos os dias, para a contra-revolução jogá-las para trás, e voltar a deixar as coisas como estavam ao anoitecer de 18 de julho de 1979, é impossível e mais que impossível, se fosse possível ir mais além de impossível.

De maneira que nossa melhor arma de luta ideológica, a partir e em consequência da vontade popular irreversível, é precisamente o contexto dessa transformação sem retrocesso das estruturas do país; e nosso dever e tarefa política mais importante é fortalecer sua consolidação e sua defesa na consciência popular mesma. Nosso discurso não é para a direita, porque não será possível redimir o irredimível; trata-se, ao fim e ao cabo, de uns quantos sobreviventes do naufrágio. Que importância tem o naufrágio dos sobreviventes?

A direção da mensagem revolucionária

Nossa mensagem deve destinar-se a sustentar os elementos mais cruciais da consciência popular:

a) **Fortalecer o consenso nacional em torno da Revolução**, regido pela vontade de suas classes fundamentais e composto por múltiplos setores sociais no contexto da economia mista e o legítimo pluralismo político.

b) **Afiançar o sentido patriótico da luta nacional** pela soberania, a independência e a autodeterminação, uma luta que o povo defendeu ao longo destes quase nove anos de Revolução nas condições mais duras e difíceis, e portanto heróicas.

c) **Dar um caráter dinâmico, permanente, à perspectiva sempre presente da mudança**, porque esta não é uma luta sem esperanças e renderá necessariamente seus frutos, porque o povo também expropriou o futuro e será dono do futuro como é agora da terra, das escolas, de seu trabalho, da riqueza que produz e que seus inimigos

destroem. Esta é uma Revolução de realidades, mas também de esperanças.

É o povo trabalhador mesmo, que com instrutiva sabedoria soube discernir entre as limitações e penúrias econômicas e sua adesão sem condições ao processo de mudanças que encarna a Revolução; e o fez sem cálculos nem vacilações, pondo seu próprio sangue no meio; e foi essa vontade inquebrantável de luta que soube identificar o agressor como causador de penúrias e limitações, na acertada compreensão de que somente uma paz digna, paz com justiça, abrirá as portas da marcha para o futuro.

Um povo pró-ianque, pró-oligárquico, defendendo a volta ao passado, a recuperação de privilégios, o egoísmo por parte de uma minoria voraz, não haverá de ver nunca os olhos da extrema-direita, enganosa, enganada e vociferante.

d) **Devemos defender o pleno exercício de uma democracia sólida**, sustentada na participação desde a base, nos bairros, as cooperativas, as fábricas, as escolas, os centros de trabalho, que se expresse todos os dias de maneira aberta e participativa na vida mesma, e, também, na hora de eleger. Continuar cultivando esta grande escola política que iniciou suas aulas com a Revolução.

h) **Desmascarar os propósitos retrógrados da extrema-direita**, advertir o povo do que verdadeiramente quer, confrontar seus interesses ocultos, e abertos, com os interesses populares, que outra vez, como com Sandino, são os interesses da verdadeira nação.

i) **Informar sobre as conquistas revolucionárias**, investigar a fundo sobre a natureza destas conquistas, políticas, sociais, econômicas, é trabalhar com a realidade, e armar-se de realidade para evaporar as quimeras malsãs e revanchistas da contra-revolução ideológica para que nos fatos, em nosso discurso, a realidade e nossas conquistas sejam coerentemente irreversíveis.

j) **Despertar nosso próprio orgulho pelo que temos feito e continuaremos fazendo** — afastar toda dúvida, ou consideração espúria sobre a legitimidade revolucionária de nosso processo, que não necessita copiar ou se parecer a outros processos para ser legítimo. Estamos criando um modelo e estamos criando um exemplo, somos participantes da novidade, da originalidade e se trata de um modelo de primeira categoria, jamais de segunda ou de terceira. O radicalismo extremado, deixemo-la para a ultra-esquerda.

Para dividir o povo, a ultra-direita, ou a ultra-esquerda, teriam que ter um projeto alternativo viável. A ultra-esquerda obscura se cobriu com as bandeiras da direita, porque não tem bandeiras. E a bandeira da direita é a das listras e estrelas. O projeto viável, real, conseqüente com a história é o do povo sandinista.

k) **Ser críticos dos atos da Revolução**, dos atos de governo, utilizando responsabilmente nosso próprio e imprescindível espaço crítico, desde a própria convicção revolucionária. Não devemos calar nossos próprios erros, nem os erros de quem toma decisões no governo, mas o êxito da crítica depende da seriedade e da ponderação com que se exerça. De nós mesmos, como comunicadores, como jornalistas da Revolução, depende a fronteira que estabelecemos entre nossos próprios juízes públicos e aqueles que a contra-revolução endereça com afã destrutivo para adubar o terreno de seu próprio projeto desestabilizador e irresponsável.

Quando se julgam as ações de um ministro; de um funcionário, não se está de nenhuma maneira frente a um inimigo, mas em frente a um homem que erra ao atuar como agente de mudança no projeto que todos, desde distintas trincheiras, impelimos; eles como executores, vocês como jornalistas. E quando acerta, tampouco deve-se temer assinalar seus acertos. Não estamos fazendo mais que recorrendo à velha regra, nunca substituída, de objetividade profissional.

Mas o próprio projeto revolucionário, as linhas de sua concepção, sua dimensão estratégica, tem seus próprios inimigos. Já falamos, e bastante amplamente, deles.

Esta luta é ainda longa, muito longa, já não digamos complexa. É uma luta que vem das catacumbas, como o jornalismo revolucionário surgiu também das catacumbas. Para enfrentar as dificuldades de formar e informar todos os dias, é necessário sermos responsáveis e criativos, abominar os esquemas, encontrar cada vez novas e melhores formas de encarnar a verdade, porque também é imprescindível sermos verazes. Profissionais, objetivos, criativos, responsáveis.

As improvisações, os exageros, as distorções, os esquemas, deixemo-los para nossos inimigos, como o último lastro de seu próprio naufrágio até o fundo.

São os sobreviventes, agora que naufraguem.

OPERAÇÃO "DANTO"

Cinegrafistas do exército:

"ONDE NÃO ENTRA NENHUM OUTRO"

As pessoas crêm que porque vestimos a cor verde oliva somos esquemáticos, sem se dar conta de que o nosso exército é diferente."

Assim começou a longa conversação mantida com o capitão Rodrigo Castillo, atualmente responsável pela Unidade de Meios Audiovisuais do Exército Popular Sandinista. Muito jovem, um permanente sorriso ao falar, os olhos brilhantes e inquietos, representa em sua própria pessoa o tipo de soldado dinâmico e criativo ao

mesmo tempo que firme combatente, que a autoridade militar deseja para seu exército e em boa medida tem alcançado.

A unidade que dirige criou um programa radiofônico muito popular há três anos, "Os Filhotes de Sandino", transmitido pela Rádio Sandino. Mas também é o grupo que incursionou em zonas de combate às quais nenhum outro cinegrafista tem acesso. Assim, eles são possuidores de imagens inéditas que algum dia serão conhecidas pelo mundo.

Documentar a guerra em imagens históricas é o objetivo principal deste grupo de jovens realizadores, cinegrafistas e sonoplastas cuja idade média oscila entre os 22 e 23 anos: "trabalhamos mais para a história que para o espectador imediato — diz o capitão Castillo — para que quando chegue a paz se possa dizer: aconteceu isto, assim se conseguiu a paz".

Realmente, os nove cinegrafistas e outros tantos sonoplastas, argumentistas e realizadores produzem, numa das guerras talvez mas documentadas do período contemporâneo, cerca de dez trabalhos cinematográficos por mês, entre curtas, publicitários de uma duração de entre dez e 40 segundos, reportagens de dez minutos e documentários que variam de meia hora a uma hora e meia.

Mas o que chega ao conhecimento público é uma pequena parte do que esse arquivo de imagens conserva, e isto por diversas razões: porque a estrutura de consumo de vídeos no país ainda não está suficientemente desenvolvida (os canais de televisão são os maiores consumidores fora do âmbito militar) ... E porque muitos destes documentos contêm imagens que por razões de segurança de estado e segredo militar não podem ser liberadas massivamente nas atuais circunstâncias, apesar do interesse que numerosas instituições estrangeiras têm manifestado.

Durante toda uma manhã estive observando seus materiais na exígua sala de edição da Unidade. É impressionante a qualidade das imagens e a harmonia destas com o som. Mas

além do aspecto técnico, os curtas que eles realizaram para o natal passado, onde aparecem combatentes dando seu testemunho vívido, cortante e comovente, enviando mensagens saudosas a suas companheiras e familiares enquanto defendem as fronteiras, suavizam a couraça que nos fez crescer esta indesejada realidade.

Origem e desenvolvimento

A primeira tarefa que assumiu a Unidade foi mostrar que o exército sandinista é uma instituição moderna, profissional, de novo tipo, que nada tem a ver com a atividade repressora a serviço dos interesses estrangeiros que assumia a Guarda Nacional de Somoza. "Tínhamos que mostrar que apesar de usarmos uniformes e cortarmos o cabelo, em nenhum momento perdemos o espírito popular e antiimperialista que sempre caracterizou as tropas sandinistas".

Por isso, durante os dois primeiros anos se fizeram programas televisivos para dar a conhecer o exército por dentro, o trabalho de um tanquista, a formação dos oficiais, o treinamento, etc.

Logo, com a escalada da guerra, eles tiveram que trabalhar mais com a função de apoiar as operações militares e com orgulho asseguraram ter participado em tarefas de documentação histórica na maioria das operações do EPS. Foi um trabalho em condições de alto risco e de enormes dificuldades materiais, já que as equipes de filmagem não estão projetadas para o palco da guerra.

Os cinegrafistas e sonoplas-



tas do exército carregam em suas costas, de um lado, o fuzil, e do outro, o equipamento de filmagem. "Têm a missão de utilizar em primeiro lugar o que eles aprenderam a considerar como sua primeira arma, ou seja, câmaras e gravadores. Neste sentido, fazem um esforço maior que muitos combatentes; quando o combate aumenta, naturalmente têm que proteger suas vidas e as de quem os rodeiam, empunhando o fuzil".

Primeiros caídos

Assim foi como se produziu o primeiro caído em combate da Unidade de Meios Audiovisuais, o jornalista Andrés Val-

le, considerado por eles como um pioneiro do trabalho audiovisual em cenários de guerra.

Andrés Valle foi emboscado na região de Ocotál, no norte do país, enquanto realizava um vídeo sobre as tropas de fronteira. Tinham tudo pronto para começar a filmagem quando se fez um chamado ao posto de comando, informando que estava em andamento um ataque contra-revolucionário a um posto fronteiriço.

Valle, consciente da necessidade de registrar o confronto, optou por transportar novamente todo o equipamento para o lugar do combate. Foi então que aconteceu a emboscada. "Empunharam os fuzis e repeliram o ataque junto à tropa, mas o sonoplasta foi grave-

mente ferido e Andrés foi morto, convertendo-se no primeiro mártir da unidade".

No ano passado, outros dois membros da equipe deram suas vidas em similares condições: Marlon Ortega, cinegrafista, e Matías Cerna, sonoplasta. Outros foram feridos, alcançados por balas ou estilhaços de morteiros, e continuam trabalhando no projeto, em tarefas auxiliares. Vários deles foram condecorados não por sua participação em combates, mas pelo arrojo com que cumpriram seus trabalhos de filmagem no fragor das batalhas.

"Agora as tropas e o comando militar têm maior estima por nosso trabalho, muitos inclusive consideram uma honra pertencer a esta unidade. Fizemos ver que é tão importante para a defesa disparar com um fuzil quanto registrar as imagens para a história", assegura o capitão Castillo.

Operações Militares

Durante a operação *Repon-ta-85*, quando as forças mercenárias pretenderam tomar o povoado La Trinidad, eles conseguiram ali captar imagens de contra-revolucionários em debandada e de combatentes sandinistas capturando outros e apreendendo apetrechos bélicos de origem estadunidense.

Também filmaram na operação *Soberania*, no mesmo ano,



O cinegrafista documenta a história



Em pleno rio Bocay, filmando durante a operação **Danto 88**

quando foram desalojados os últimos bastiões contrarrevolucionários no departamento de Río San Juan, ao sul do país: "temos imagens muito duras em nossos arquivos, que revelam o caráter criminoso dos mercenários. Por isso — ajunta Castillo — um documentário de guerra não pode durar mais de meia hora, pela crueza das imagens."

Mas talvez a mais intensa de todas as suas participações foi durante a impressionante operação **Danto (*)-88**, preparada com muitos meses de antecedência no mais rigoroso segredo, requisito fundamental para o êxito da ofensiva.

Os serviços de informação castrenses haviam localizado alguns focos onde se concentravam os "contras" levados desde suas bases hondurenhas até a zona de Bocay para evitar o encontro com a inoportuna visita que pudesse fazer a este país vizinho a Comissão Internacional de Verificação e Acompanhamento, dos acordos de Esquipulas.

Algumas câmaras trabalharam do ar filmando os locais de concentração dos mercenários: "neste caso utilizamos um sistema não tradicional, cujas características ainda não podemos revelar", afirma o capitão Castillo.

* **"Danto"**: pássaro da América Central, de plumagem preta azulada e peito sem penas

Outras equipes trabalharam em terra com a difícil missão de captar imagens dos acampamentos contrarrevolucionários: "temos imagens inéditas dos 'contras' fazendo guarda, tomando café, conversando", assegura Castillo. É surpreendente pensar que tropas sandinistas tenham podido estar tão perto deles sem entrar em ação. "Seria possível aniquilá-los, mas o objetivo era muito mais amplo".

Méritos

No recente Primeiro Festival de Vídeo Nicaraguense

entre 51 documentários, a Unidade de Meios Audiovisuais mereceu um primeiro prêmio por seu trabalho a *Nicarágua Deve Sobreviver*.

Entre as instituições que se reuniram ali para trocar pontos de vista e dar a conhecer suas melhores realizações, se encontravam o Ministério do Interior, da Reforma Agrária, Casa de Governo, o Sistema Nacional de Publicidade, a Videoteca Nicaraguense, a Central Sandinista de Trabalhadores, a Associação de Trabalhadores do Campo, além de muitas equipes nacionais independentes.

Castillo assinalou que eles participaram com entusiasmo, mas que tem a impressão de que a euforia do encontro acabou no último dia do festival: "se dali não surgirem medidas concretas para fortalecer e desenvolver a estrutura de produção de vídeos, bem como a criação de uma videoteca nacional, cremos que o festival só cumpriu 50 por cento de seu propósito".

A Unidade de Meios Audiovisuais — com exceção de uma co-produção documental (de uma hora e meia), *Testemunhos*, feita com uma equipe de cineastas holandeses aqui —,

não recebe maiores bens técnicos ou materiais para suas produções: "aqui não vem mais ao caso dizer que nos fazemos no fragor da batalha", diz Castillo.

A Respeito de Castillo

Até 1983 o capitão Rodrigo Castillo foi transferido para Manágua. Trabalhou ali pouco tempo: "não me acostumo com Manágua, com o trabalho de escritório, prefiro a ordem da montanha, onde todas as coisas entram na mochila".

No entanto, em 1985 por iniciativa própria apresentou um projeto para realizar um programa televisivo sobre o exército: além de aceitar sua proposta, lhe ofereceram encarregar-se do projeto audiovisual castrense em sua totalidade. Castillo não tinha tido maior contato com esse mundo de imagens e som, não sabia muito sobre fotografia nem sobre televisão, mas aceitou o desafio: " Vim para me encarregar deste projeto desde o ponto de vista criativo, artístico e administrativo — explica —; e logo, os companheiros que já estavam aqui me ensinaram o que sabiam".

O popular programa radiofônico *Os filhotes de Sandino* é uma criação sua: "alguns companheiros nos criticaram fortemente, dizendo que não tinham conteúdo político", comenta, sorridente. Eles responderam que o político não se firmava necessariamente nos discursos e editoriais e que valiam muito mais os testemunhos dos próprios soldados, com suas próprias palavras. "E tínhamos razão; se muitos dizem que não parece um programa feito por militares, recebemos isso como um elogio", diz sorridente e desafiante.



Lançamento, na Bahia, de BARRICADA INTERNACIONAL em Português



Embaixador Jorge Jenkins fala na Ass. Legislativa



Presidente de La Ass. Legislativa Dep. Coreolano Sales



Emiliano José Secret. Geral do PMDB

Em 6 de junho, organizadas pelo COSPAC (Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central), realizou-se uma série de atividades, em Salvador.

Essa data coincidiu com o 6º aniversário de fundação do Comitê, um dos mais consequentes e ativos do Brasil.

Às 10 horas realizou-se uma sessão solene, na Assembléia Legislativa de Salvador, onde foi recebido o Embaixador da Nicarágua, Jorge Jenkins, pelo Presidente da casa, Coreolano Sales, e na qual compareceram vários deputados: Damilson Costa, Alcides Modesto, Amabilia Almeida.

Estiveram presentes os membros do COSPAC e 2 representantes de BIP. Numa emocionante cerimônia, ficou clara a solidariedade dos legisladores e do povo de Salvador para com a Revolução nicaraguense e com seu órgão oficial, Barricada Internacional.

Na parte da tarde, na Câmara Municipal de Salvador, aconteceu o lançamento de BIP, com a presença de numeroso público e com a participação de vereadores:

A composição da mesa da sessão foi feita por:

Jorge Jenkins, Embaixador da Nicarágua

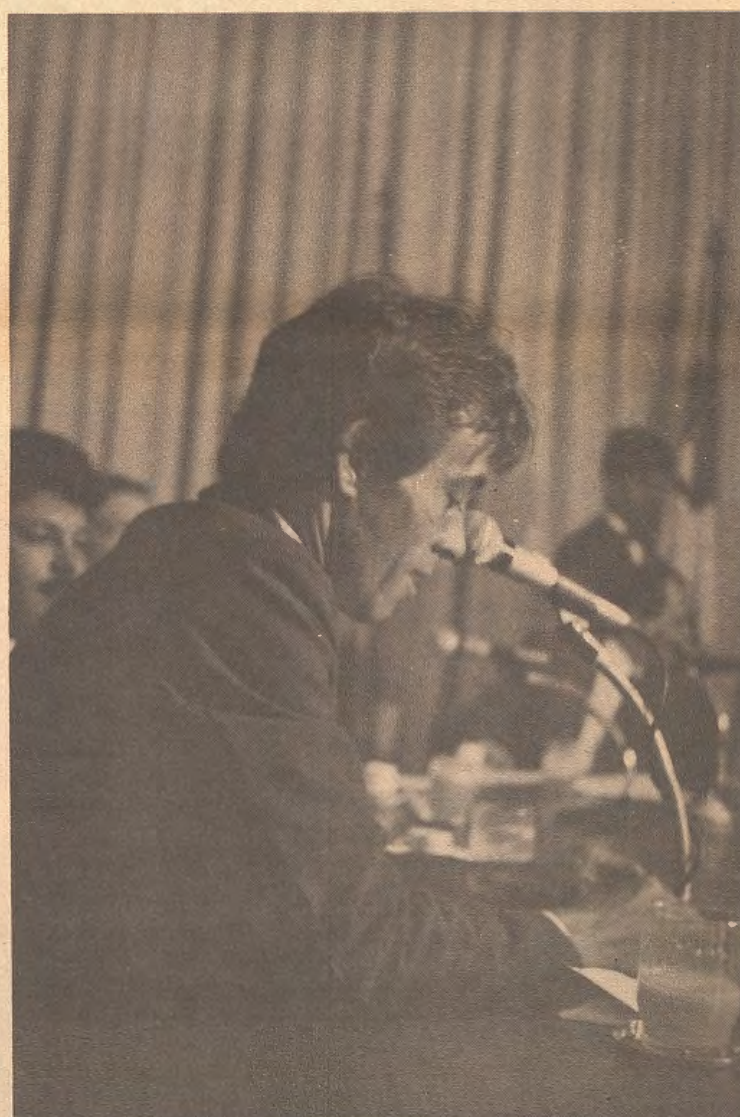
Edinaldo Santos, Pte. Cm Salvador

Roberto Oitavem, COSPAC
Rogerio Espinoza, Secretário Embaixada da Nicarágua
Antonio Carlos Barreto, Secret. Trabalho do Estado
Dep. Alcides Modesto

Leopoldo Saraiva, diretor de BARRICADA INTERNACIONAL em Português.

As manifestações de solidariedade, expressas por todos os presentes, serviram de introdução para um debate, no qual o Embaixador Jorge Jenkins, esclareceu vários aspectos, desde a história da Revolução até o processo de paz, respondendo a várias perguntas, sobre assuntos relacionados com a realidade centro-americana.

Todas as atividades tiveram ampla repercussão na imprensa local, servindo de caixa de ressonância para o aniversário do COSPAC que, com um excelente trabalho, colocou uma nova pedra nesta Barricada de todos nós.



Deputado Damilson Costa

Presidente de Moçambique visita camponeses nicas

CAUSA COMUM DIANTE DA AGRESSÃO

A assinatura do primeiro convênio científico e um acordo partidário entre o FRELIMO e a FSLN demonstram que os países em desenvolvimento podem se ajudar mutuamente. Também em reconhecimento pela contribuição do co-fundador da FRELIMO e de meio milhão de caídos na luta pela independência, o líder africano foi condecorado em Manágua com a Ordem Augusto C. Sandino, em seu máximo grau Batalha de San Jacinto.

Em continentes diferentes, Nicarágua e Moçambique lutam pelo mesmo: libertar-se da dominação forânea e oferecer a seus povos dignidade e progresso. Em ambos os casos, o projeto depende da mobilização popular. Por isso, é compreensível que buscassem uma maneira de compartilhar seus conhecimentos e não só nos meios oficiais.

O presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, chegou em princípios de abril à Nicarágua e entre várias atividades foi com seu homólogo, Daniel Ortega, ao projeto agrícola "Camilo Ortega", a 30 km ao sudeste de Manágua, onde se reuniu com mais de 200 cooperativistas. Com sua presença modesta cativou os camponeses que lhe asseguraram que não importava que falasse em português, porque "entre irmãos não importa o idioma".

Nesse encontro, o mandatário explicou a preocupante situação em seu país e assinalou os paralelismos entre os processos em marcha em ambas as nações.

Situado no extremo oriente da região sul-africana, Moçambique sofre uma guerra não declarada imposta por contra-revolucionários que eles chamam "bandidos", financiados e dirigidos pelo regime da África do Sul. Mas a agressão não se dirige exclusivamente contra seu país: "O que está em jogo — disse o mandatário — é a liberdade, a igualdade e a independência da região."

Por isso, Moçambique conta com o apoio econômico, político, militar e moral, principalmente dos demais países da linha de frente, como Zimbábue, Tanzânia, Zâmbia e Angola — que se ajudaram mutuamente na luta anticolonial —, e das demais nações da Organização da Unidade Africana. A união desses países é fundamental para o desenvolvimento econômico, enquanto aplicam sanções contra a África do Sul em solidariedade com a luta do povo sul-africano e na-

míbio, ainda dominados pelo regime racista.

A hábil política moçambicana de não alinhamento consolidou o apoio econômico do campo socialista e da Comunidade Européia e os Estados Unidos, no momento em que requer US\$ 350 milhões anuais para enfrentar a emergência nacional e avançar até a auto-suficiência.

No período de reconstrução nacional (1975-1981), depois dos 10 anos de cruenta luta contra o colonialismo português, esse país de 14 milhões de habitantes e que se estende por 800 mil km quadrados, registrou significativos avanços sociais impulsionados pela organização popular. Reduziu o analfabetismo de 92 por cento a 70, apesar da diversidade de idiomas (português, cinco línguas africanas principais e mais de 300 dialetos); estabeleceu 900 postos de saúde rurais; incrementou exportações até um valor de mais de US\$ 200 milhões.

Mas, naqueles anos, também apoiava o movimento ZANU dirigido pelo atual presidente de Zimbábue, Robert Mugabe, em seu propósito de alcançar a libertação nacional, e descurou de algum modo as necessidades nacionais, inclusive a defesa, segundo reconheceu Chissano. Surgiu um movimento contra-revolucionário, criado pelo então chefe da informação da Rodésia (agora Zimbábue) e ex-colaborador do exército português em Angola, Ken Flower. As táticas terroristas da chamada Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) ameaçaram acabar com todos os avanços.



Presidente Daniel Ortega e Presidente Joaquim Chissano, de Moçambique

Quando a Rodésia foi libertada em 1981, a África do Sul assumiu o controle dos "bandidos" e a agressão recrudescceu a graus sem precedentes. Desejosa de estabelecer sua hegemonia e manter a essência do *Apartheid*, e temerosa de um Moçambique forte e consolidado, a África do Sul é responsável por mais de US\$ 6 bilhões em danos entre 1982 e 1987: 1.800 escolas, 700 postos de saúde, 1.500 cooperativas e tendas, 1.300 veículos, 520 postes de eletricidade e outras infra-estruturas foram destruídos.

Por causa da guerra desestabilizadora, agravada pelas calamidades naturais — a seca e as inundações — morreram meio milhão de cidadãos e há 4,5 milhões de deslocados, 700 mil refugiados e 200 mil órfãos, enquanto 5 milhões padecem de fome.

A princípios de 1984, Moçambique firmou um pacto de não agressão em Nkomati com o regime do *Apartheid* para criar um clima de paz. Não obstante a agressão sul-

africana aumentou e Moçambique respondeu em 1985 reestruturando seu exército e estabelecendo uma milícia popular. O povo deve participar diretamente na defesa nacional em cada ponto do país "para que os bandidos não continuem impunes", disse Chissano. "Por isso queremos estudar sua experiência", explicou aos camponeses que têm milícia de autodefesa.

Comparou os bandidos com os "contras". "Eles se parecem em seus métodos. Não perguntam a quem matam. Não têm política nem ideologia. Destroem por destruir, para desestabilizar a economia e a sociedade". Carente de uma base social, a RENAMO recorre ao seqüestro de crianças para engrossar suas fileiras criam-se na África do Sul e quando alcançam a idade de 10 anos, afirmou, já foram transformadas em criminosas.

Ao perceber a inquietude de um camponês ante a anistia oferecida à contra-revolução, Chissano revelou a experiência de seu país. Em dezembro de 1987, seu governo proclamou a anistia para membros da RENAMO... ainda com medo ante a incerteza do que se passaria depois. Em menos de três meses 500 bandidos se renderam. "São 500 bandidos mortos, porque já deixam de ser utilizados para matar a seus compatriotas".

Assinalou que os anistiados têm o direito de participar na assembleia do povo (o órgão le-

gislativo) em todos os âmbitos: nacional, departamental e municipal. "Não é o governo que decide se participam ou não na vida política — esclareceu —, mas o povo. Eles terão que ganhar a reconciliação com sua atitude patriótica".

Enquanto se defende contra a agressão militar e econômica da África do Sul, Moçambique procura corrigir os erros não intencionais cometidos depois da libertação e que limitavam o desenvolvimento econômico. Citou um exemplo que confirma o princípio da economia mista. "Queríamos que todo mundo trabalhasse em cooperativas ou empresas estatais, quando não dispúnhamos de meios para atendê-los", recordou. Ignoraram as necessidades dos pequenos produtores e houve baixas na produção. A reativação econômica em 1987 compreende medidas para fortalecer a produção privada, entre outras.

Sair do atraso e a bancarrota herdadas do passado colonial e criar uma nação independente, foi um processo muito difícil que exigiu criatividade, flexibilidade e sacrifício do povo moçambicano, sob a direção da FRELIMO. Duas décadas de guerra permanente não facilitaram a consolidação da independência. Mas a oportunidade de aprender com as lutas de outros povos e fortalecer relações entre quem faz causa comum frente à política intervencionista faz menos doloroso o caminho. *A luta continua.*

COM OS OLHOS POSTOS NA ÁFRICA

LUANDA, 1980. Durante uma festa popular, um nicaraguense solitário no continente deixou assombrados os angolanos pela forma com que saboreou o ritmo do tambor. Dançou o *Palo de Mayo*... a dança tradicional afro-caribenha de sua terra natal, a Costa Atlântica. Mas os próprios angolanos o haviam surpreendido horas antes com suas pinturas rubro-negras sobre Sandino nas paredes da capital africana.

Esse foi um dos primeiros encontros da Nicarágua com o continente africano, quando David MacField foi nomeado embaixador em Moçambique e representante diante dos governos de Angola, Congo, Lesotho, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue.

A recuperação das raízes culturais africanas na Costa Atlântica e o reconhecimento das semelhanças nas lutas de libertação, estimularam o estabelecimento de relações diplomáticas com os países africanos que em alguns casos seguiam o rumo traçado pela FSLN antes do triunfo.

Ao adotar uma política exterior não alinhada, e ingressar no movimento em setembro de 1979, a Nicarágua começou a conhecer um continente africano muito diferente das únicas imagens que havia no país no tempo de Somoza: as películas de Tarzan.

Na cúpula da OUA

No final deste mês de maio,

uma delegação de alto nível partirá para Addis Abeba para participar do 25º Aniversário da Organização da Unidade Africana (OUA), num gesto solidário com os 51 países que pertencem a este organismo. Promovida pelos líderes nacionalistas Kwame Nkrumah, de Ghana; Sekou Touré, da Guiné, e Gamal Abdel Nasser, do Egito, somente 32 países participaram de sua fundação.

O grande aporte dessa organização, segundo estimou Magda Enríquez, responsável pela África no Departamento de Relações Internacionais da FSLN, é que conseguiu que os países já independentes assumissem a descolonização total como um de seus objetivos principais. Por isso qualifica como "um organismo coletivo para a libertação da África".

O convite estendido à Nicarágua para este aniversário se

deve ao grau de respeito e compreensão mútua alcançado nos últimos anos. A Nicarágua se identifica com os problemas africanos: condena a política racista do regime da África do Sul, como também sua ocupação ilegal da Namíbia e suas agressões contra os países da linha de frente; do mesmo modo, reconhece a República Árabe Saaraui Democrática e insta a uma solução do conflito com base em negociações entre Marrocos e a Frente Polisário.

Por sua parte, os países africanos sofreram chantagens e bloqueios de empréstimos pelos Estados Unidos por apoiar a revolução nicaraguense. Basta recordar que durante a sétima cúpula do Movimento Não-Alinhado, em Harare, em 1986, o presidente zimbabwense Robert Mugabe recebeu um aviso de Washington anunciando medidas econômi-

cas contra seu país, em represália por sua posição a favor da Nicarágua... O apoio e respeito tampouco se limitam aos governos revolucionários na África.

Cooperação Nica-Africana

A identificação cultural e política está conduzindo a uma ruptura com o conceito tradicional de que a cooperação vai somente dos países industrializados aos subdesenvolvidos. As relações com a África indicam que "podemos colaborar entre nós mesmos, dentro do marco de relações sul-sul — afirma Enríquez, — e contribuir assim para um reordenamento da ordem econômica internacional".

Estas nações têm em comum problemas causados pela dependência nas estruturas coloniais a que foram submetidas, e

as experiências de um país em seus intentos de superá-los podem ser válidas para outros.

Enríquez destaca a experiência no campo de saúde como uma contribuição que a Nicarágua pode oferecer. A participação popular nas vacinações maciças e campanhas de higiene ambiental e a habilitação de brigadistas de saúde que descentralizam o serviço e dão atenção primária, conduziram a avanços sem grandes inversões.

Era essa prática que queriam conhecer os ministros da Saúde de Zimbábue e Moçambique com quem se firmaram convênios de cooperação técnica nos últimos dois meses.

Para a Nicarágua e muitos países africanos o problema da alfabetização multilíngue se converte numa prioridade depois da independência, e já existem intercâmbios nessas matérias. Um contingente de estudantes africanos se capacitam aqui em técnicas de alfabetização, educação de adultos e carreiras profissionais, enquanto outros são catedráticos na Universidade Nacional.

Embora o processo de desenvolver relações de cooperação seja lento e freqüentemente custoso, pois primeiro é preciso **intercambiar conhecimentos** e logo formar comissões mistas, no futuro as relações poderão chegar também a ser comerciais. Mas mais importante foi a firme posição de ambas as partes em permanecer unidas na defesa mútua da independência e os direitos soberanos.

Antes de 1979, a Nicarágua tinha relações na África somente com o Egito. Atualmente, tem relações multilaterais com todos os países (menos a África do Sul), e relações bilaterais com os seguintes:

Angola
Burkina Faso
Congo
Ghana
Lesotho
Maurício
RASD
Tanzânia
Zimbábue*

Argélia*
Comoros
Egito
Guiné
Libéria
Moçambique*
São Tomé
Zaire

Costa do Marfim
Etiópia*
Guiné Equatorial
Líbia*
Namíbia
Seychelles
Zâmbia

* Há sede diplomática.

FALECE NOTÁVEL POETA EX-EMBAIXADOR DA NICARÁGUA NO BRASIL

COMO um duro golpe à intelectualidade nicaraguense, foi qualificado o passamento do poeta e ensaísta Ernesto Gutiérrez Gutiérrez, em meios oficiais do Governo a que serviu no terreno diplomático desde o triunfo da Revolução.

Gutiérrez, que faleceu em 17/4, em Havana, recebeu dia 19 do mesmo mês uma homenagem póstuma no Salão de Embaixadores da Chancelaria para onde foram levados seus restos depois de seu traslado da capital cubana.

O Governo e a Associação Sandinista de Trabalhadores da Cultura (ASTC) renderam as honras post-mortem ao poeta, transportando seus restos até a cidade de Granada — onde nasceu em 1929 — para sepultá-lo depois de uma missa na catedral.

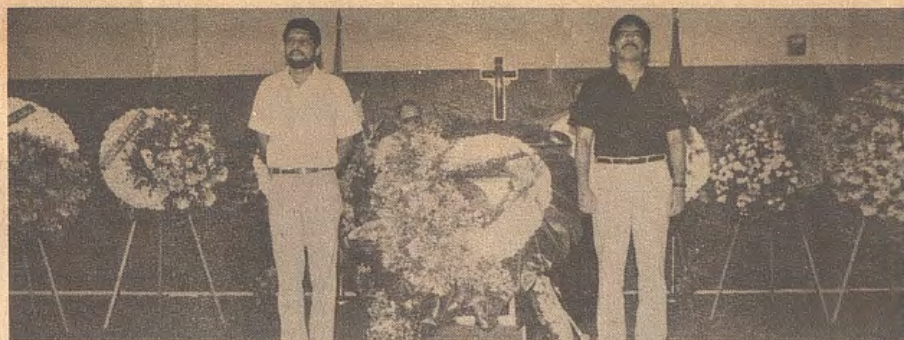
O escritor se distinguiu como um sério estudioso da obra de Dario, es-

crevendo um notável ensaio intitulado: "Os temas na poesia de Rubén Dario", editado em 1978. Sua obra prolífica na poesia o fez merecedor do prêmio "Independência cultural Rubén Dario", em 1984.

Ernesto Gutiérrez fez uma dramática virada em sua vida profissional, passando de um destacado Engenheiro Civil por doze anos — dirigiu o Projeto Hidrelétrico de Apanás — a uma brilhante carreira no campo estritamente intelectual.

Era um militante da Frente Sandinista de Libertação Nacional, cujos princípios defendeu escrevendo inúmeros artigos para BARRICADA.

Durante o Governo revolucionário desempenhou cargos diplomáticos como Embaixador na UNESCO, Brasil, e há apenas um mês havia sido designado para ocupar a Embaixada de Costa Rica, quando foi surpreendido pela fatal enfermidade que lhe tirou a vida.



Comandante Bayardo Arce e Presidente Daniel Ortega



Hermes Gutiérrez (filho do poeta), Pe. Fernando Cardenal, Carlos Fernando Chamorro e Solís Piura

BARRICADA INTERNACIONAL

EM PORTUGUÊS perde um grande amigo e colaborador, FERNANDO SCHNEIDER ALVES DE ALMEIDA.



Em 11 de maio, em Angra dos Reis, a fatalidade acabou com a vida de Fernando, um grande amigo e colaborador de BARRICADA Internacional.

Fernando acreditava na Justiça, na Paz e no Amor. Era profundamente antiimperialista. Admirava a Revolução Nicaraguense, amava e respeitava a luta desse sofrido povo.

Desde os primeiros passos de BARRICADA juntou-se ao projeto, colaborando de todas as maneiras possíveis. Aprendemos a amá-lo e a respeitá-lo. Com sua presença serena e lúcida, ajudou-nos a vencer as dificuldades. Toda morte é uma perda irreparável. A de Fernando, que nos toca muito por dentro, não apagará sua presença entre nós.

Mantê-lo-emos vivo na lembrança, desejando que seu projeto de turismo ecológico seja levado a cabo.



Mensagem do Prefeito de Penápolis (SP), João Carlos D'Elia

Quero saudar fraternalmente a edição de BARRICADA Internacional em Português, certo de que esta publicação oficial da Frente Sandinista de Libertação Nacional servirá para estreitar os laços solidários entre os povos brasileiro e nicaraguense, além de levar a conhecer a realidade daquela região. Quero também convidar para o lançamento de BARRICADA INTERNACIONAL, promovido pela Prefeitura de Penápolis, em 16 de junho, às 18:00 horas nesta cidade.

João Carlos D'Elia
Prefeito Municipal de Penápolis
Estado de São Paulo

LANÇAMENTO DE BARRICADA INTERNACIONAL EM PORTUGUÊS EM SÃO PAULO

Em 17 de junho será levado a cabo o lançamento de BARRICADA no Sindicato dos Químicos de São Paulo, às 19.30 horas.

Foi organizado por diversos setores, entre os quais se encontram:

COORDENAÇÃO PAULISTA DE SOLIDARIEDADE À NICARÁGUA
FRENTE NACIONAL DOS TRABALHADORES (FNT)
CDHAL

PACOM

ELO

PT

AGEN

SOLIDARIEDADE AO B.I.P. (Brasil)



O Embaixador da Nicarágua no Brasil, Jorge Jenkins, entrevistou-se com o Prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos, a quem inteirou a respeito dos esforços que vem realizando o Governo da Nicarágua para concretizar a paz na região centro-americana, além de oferecer Barricada Internacional ao Prefeito.

ATO DE SOLIDARIEDADE NA UFF



Em 19 de maio realizou-se um Ato de Solidariedade com a Nicarágua, organizado por BARRICADA INTERNACIONAL e pelo Diretório Acadêmico do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, da Universidade Federal Fluminense.

Com a presença de 250 pessoas, levou-se a cabo um debate com alunos e professores daquela casa de estudo, com uma mesa formada por:

Com a presença de 250 pessoas, levou-se a cabo um debate com alunos e professores daquela casa de estudo, com uma mesa formada por:

Hermes Gutiérrez —
Cônsul da Nicarágua no Rio de Janeiro

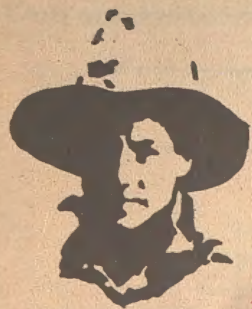
Luiz Carlos Prestes
Alberto Salões — Professor e militante da F.N.T.

Carlos Alberto Trindade —
Secretário de Saúde de Cachoeiras de Macacú — Estado do Rio

Francisco Pagliarini —
Diretor do ICHF da UFF

Como consequência do debate, onde foram abordados diferentes aspectos do processo revolucionário e das conversações de paz, formou-se um Núcleo de Solidariedade para com a Nicarágua e de difusão de BARRICADA INTERNACIONAL.





BARRICADA

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS DO
ÓRGÃO INTERNACIONAL DA FRENTE SANDINISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

internacional



*Sem ternura nos olhos,
sem ternura nas mãos,
sem amor pelos pobres,
sem amor pelas crianças,
não se pode ser
REVOLUCIONÁRIO*

*Tomás Borge
Comandante de la Revolución*

Tradução: Fausto Wolff

PAULO NOVAES COUTINHO
CARAJÁS, 238
Vila Cosmos - RIO DE JANEIRO (RJ)
21220

IMPRESSO

Remetente: PANORAMA NOTICIOSO LTDA.
Av. Franklin Roosevelt, 39, Sala 418.
Rio de Janeiro. CEP: 20.021 Tél.: 262 62 99

CORREIO DOS LETTORES

Te beijamos também, NICARÁGUA LIVRE, Nica, Nicaraguita, te beijamos e queremos mais... te abraçamos e contigo bailamos a dança mágica do amanhã.

Nica, Nicaraguita, te vi cheia de beleza e resistindo... te vi cheia de ternura e com o fuzil na mão...

te vi cheia de esperança: colhendo café e algodão, cortando cana, na cidade e no campo te vi cheia de esperança comendo um prato de "galho pinto".

Te beijamos Nicaraguita. Tua força, morena, linda, menina, negra, americana, ameríndia.

Tua força e beleza surge como a força de um vulcão. Teu nome é símbolo de liberdade,

Teu anseio e tua resistência é sacramento de solidariedade,

Teu canto e tua poesia são mensagens que animam nossa romaria.

Te beijamos Nicaraguita.

Porque de teu ventre explorado, vituperado, roubado e pobre, do teu ventre, MARIA Centro-Americana, do teu ventre nasceu um filho também libertador:

AUGUSTO CÉZAR SANDINO.

Te beijamos e beijamos teu povo.

Povo que na luta é valiente.

Povo que no amor é caliente.

Povo que é poeta e cantador.

Povo que tem fé e é lutador.

Povo-profeta, profetas de um novo tempo — povo que semeia no vento, "propostas teimosas de paz".

Te beijamos Nicaraguita e te pedimos.

Lute, porque na tua luta lutaremos.

Cante, porque com o teu canto cantaremos.

Baile, porque com tua dança dançaremos.

Resista, como símbolo para o mundo — e nós resistiremos.

Nicarágua, no teu sacramento vivo vimos o Cristo suado em suas ruas, o Cristo que é operário, artesão e carpinteiro.

Nicarágua em ti vemos a esperança de nossos povos. Cante nicaraguita, cante a canção da esperança, porque "quando se calha el cantor se calha la vida".

Esperamos e cremos Nicarágua que na tua ressurreição, um dia...

todos nós e nossos povos... um dia ressuscitaremos.

Luiz Longuini Neto
Campinas (SP)

Agradecemos envio do BARRICADA INTERNACIONAL em Português como também convite do lançamento do mesmo nesse Estado.

Referido jornal contribuirá muito para divulgação da luta do povo nicaraguense contra política intervencionista do governo norte-americano colocamo-nos à disposição para assinatura do mesmo.

Saudações sindicais A Luta Continua

Sindicato dos Bancários de Florianópolis — SC

Companheiros de "BARRICADA INTERNACIONAL"

Cordiais Saudações...

Disse o nosso Mestre: "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei". E o que é o Amor? O que Ele, o Salvador da Humanidade quis nos dizer com isto?

Será que o momento atual, onde os ricos estão explorando os mais pobres, está identificado com a Vontade do Senhor?

Quero em poucas linhas expressar a você toda a minha satisfação em ter lido o "BARRICADA". Vi nos seus escritos a verdadeira coragem, coragem que se assemelha àquela mostrada pelo nosso Divino Mestre, quando defendem a causa dos oprimidos, quando pregou a liberdade de todos que estavam escravizados pelo abuso de poder e autoridade daquela época.

O drama continua. Os personagens são os mesmos. Já que não temos um homem forte e justo que nos defenda, temos o "BARRICADA", do

qual desejaria participar, recebendo todo mês um jornal para poder defender melhor o futuro dos meus alunos, que vivem ainda mergulhados na ignorância.

Espero ser atendida, e para tal queria saber quanto é a assinatura anual.

Parabéns, companheiros pela altivez e solidariedade.

Aguardando notícias daí, subscrevo-me atenciosamente.

Maria Elicênia Pereira Leite

Professora e Coordenadora do Ensino — 2º grau.

Pianco — PB

Companheiros do "BARRICADA INTERNACIONAL"

Fiquei muito feliz à alguns dias passados, quando recebi de presente de uma amiga o jornal "BARRICADA INTERNACIONAL", foi um excelente presente.

Gostaria de ter feito a assinatura no mesmo dia, mas devido à situação financeira, somente hoje o posso fazê-lo.

Estou enviando o recibo de depósito no valor de Cz\$ 800,00 em nome de Panorama Noticioso Ltda., conta n.º 0469-3/073614-7, agência Santos Dumont.

Como só tenho o n.º 3, gostaria que se fosse possível os companheiros me enviassem também os números anteriores para que eu pudesse tê-los todos. Caso tenha algum acréscimo no valor pago, favor avisar-me para que eu possa pagar a diferença.

Sou professor de História, no município de Montanha (distrito de Vinhático), da Escola Família Rural-MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), e a nossa Escola atende principalmente os filhos de pequenos produtores, meeiros, e alguns assentados. Sendo que a nossa preocupação principal é dar aos alunos uma Educação partindo da própria realidade em que eles vivem.

Estamos aqui em uma região de latifundiários, onde a famigerada UDR é fortíssima tentando mostrar que: A pequena propriedade é possível, que a propriedade familiar pode ser viável, só depende de uma Educação séria, comprometida com os anseios populares, coisa que o nosso governo não está nem um pouco preocupado.

Para finalizar já faz algum tempo que eu gostaria de fazer parte das brigadas brasi-

leiras na colheita de café, e este número (3) na página 9 trata do assunto. Gostaria que os companheiros dessem uma dica de como devo proceder, se existe para mim, tal possibilidade. Sou filiado ao Partido dos Trabalhadores, com quem devo entrar em contato.

Antecipadamente agradeço.

Saudações revolucionárias. Viva o povo da Nicarágua e toda América Latina

Antonio Locateli
Escola Família Rural
Montanha — ES

Ao heróico povo da Nicarágua em sua luta obstinada em busca da paz e da liberdade dando a todos os povos um exemplo. Quero, através deste jornal manifestar o meu apoio, e oferecer minha solidariedade. Arriba Nicarágua. Até a vitória final contra o capitalismo.

Alaor Dias — São Paulo (SP)

Sr. Diretor:

Estou acusando o recebimento do jornal BARRICADA INTERNACIONAL, em cuja oportunidade muito feliz para mim em função da carência de notícias dos verdadeiros eventos da Nicarágua.

Entretanto, a auspiciosa idéia da criação do jornal, "BARRICADA INTERNACIONAL", vem efetivamente difundir a expectativa de defesa contra a selvageria da força, imposta pela prepotência famigerada do capitalismo imperialista nefasto. Aquele que se mantém através da putrefação, provocada, do cadáver, cujos vermes, pois, estão aí em todo lugar, justamente onde quer que se encontrem o subdesenvolvimento, a subnutrição, enfim, a desestabilização econômica, daí, a tirania capitalista continuar fomentando o aspecto de dependência do povo.

Indubitavelmente, esses vermes lodentos, um dia resgatarão os seus funestos débitos, com juros e correção monetária, aos povos latino americanos, os quais numa frente compacta e com uma só bandeira, caracterizada pelo ideal unificado, reagirão soberanamente às agressões dos lodentos gringos e seus andróides, na medida em que nós e nossos filhos e netos, nos apercebamos da realidade, pois Sandino não morreu, eternizou-se nas consciências convictas

dos indelévels ideais.

Fiz os versos a seguir, difundindo o aquecimento dos ideais na luta de emancipação dos Povos Americanos.

O SANDINISMO
SANDINO VIVE A TODO MOMENTO...

NA ANGÚSTIA E NO LABOR!

NO HOMEM SOFREDOR,

DA INJUSTIÇA E DO TORMENTO!

SANDINO VIVE NO SACRIFÍCIO...

DA LUTA CONTRA A OPRESSÃO!

QUE IMPÕE O SUPLÍCIO,

DA VIRTUDE E DA RAZÃO.

SANDINO VIVE NO SENTIMENTO...

NA REFLEXÃO DO SOFRIMENTO!

AO AGUÇAR DA VERDADE,

PISOTEADA PELA ATROCIDADE!

SANDINO VIVE NA VEIA...

DOS QUE TOMBARAM, AO SOLO CONTRA O PODER DA PEIA!

QUE OS IDEAIS REPULSARAM.

SANDINO VIVE NA VERDADE...

DOS DESBRAVADORES ALTRUISTAS!

E NELES RESPLANDECE A REALIDADE,

PORQUE LUTAM OS "COMUNISTAS!"

Obs: Eu gostaria que esta carta fosse publicada com os versos.

Seguem anexos, os comprovantes de depósitos no Bradesco, ag. Santos Dumont, em nome de Panorama Noticioso LTDA, sendo que CZ\$ 1.000,00 (hum mil cruzados) como ajuda ao Sandinismo e Cz\$ 600,00 (seiscentos cruzados) de assinatura anual do jornal BARRICADA INTERNACIONAL.

Quero neste momento externar a minha alegria e prazer de poder contribuir para a luta.

Atenciosamente,

Ilm.º Sr. Leopoldo Saraiva
MD Diretor do Jornal Barricada Internacional

Altamirano Ferreira
Feira de Santana (BA)